

Coronel que tortura merece elogio?

General Leônidas chama de "patriótica" a atuação do Coronel Ustra. Maria Amélia e seus filhos são testemunhas de torturas e assassinatos praticados por este monstro criado e protegido pelo regime militar. Leia na pág. 10

Campanha dos metalúrgicos pode levar à greve em SP

A Fiesp, federação que representa os patrões nas negociações salariais com os metalúrgicos, disse que o jogo vai ser duro e promete atacar os reajustes trimestrais. Os operários não ficaram intimidados e podem ir à greve em novembro, segundo o Sindicato. P. 7

Dornelles não deixou saudades

Por que caiu o Delfim Netto da Nova República

Bancários vão à rua defender salários

Passeatas em diversos Estados, inclusive uma de 20 mil pessoas em S. Paulo, impulsionam a campanha. Pág. 7

No Quênia mulher sem filho é prostituta

A terrível vida das quenianas, que não podem sequer perguntar o salário de seus maridos. P. 2

Com a queda do ministro da Fazenda Francisco Dornelles e seus auxiliares, desmorona um pedaço do velho regime que teimava em sobreviver na economia. Os banqueiros e o FMI não gostaram. Antônio Carlos Magalhães e Gusão ficaram "contristados". Mas nas fábricas há alegria e expectativa. João Amazonas ressalta que as mudanças de fato na área econômica dependem ainda da mobilização popular. Pág. 3

EDITORIAL

Jogo de pressões

Jânio prega a violência e mobiliza grupos de choque, a exemplo da juventude hitlerista. O general Leônidas - ministro do Exército - ameaça a Nova República alegando que "não pode mais conter seus oficiais" diante das denúncias sobre torturadores acobertados pelas Forças Armadas. Sob protestos veementes dos setores mais entreguistas da sociedade, é afastado do governo o titular da Fazenda, Francisco Dornelles, representante de Delfim Netto no ministério.

Estes acontecimentos, aparentemente isolados, fazem parte do mesmo processo. Resultam da radicalização do conflito entre os que querem mudar as coisas no Brasil e os que pretendem conservar as velhas orientações entreguistas do regime militar.

Imediatamente após a partida de Dornelles, o jornal "O Estado de São Paulo", porta-voz da burguesia mais atrelada ao capital estrangeiro, advertia, em editorial, aos adversários do ex-ministro da Fazenda, que "lá fora existem forças reais que influem no processo econômico". E iniciava uma campanha cerrada contra o presidente José Sarney. A algazarra encenada nos quartéis aproveitando o episódio do coronel torturador Brilhante Ustra enquadra-se nesta mesma linha de pressão sobre Sarney. Os generais, descontentes com a demissão do ministro servil do FMI, batem as botas no chão para lembrar ao governo que a qualquer hora podem intervir em defesa dos banqueiros internacionais.

Como num grande orquestra regida pelo imperialismo, ao toque do maestro, entra em cena Jânio Quadros, no estilo Paulo Maluf, com bandos de arruaceiros do CCC e da polícia. Seu papel é fazer provocação. Acena com a alternativa do fascismo, simpática às classes dominantes desesperadas.

A situação atual caracteriza-se pelo jogo de pressões e contra-pressões. A queda de

Dornelles significou uma derrota dos setores submissos ao FMI. Esta corrente se viu debilitada pelos fracassos econômicos. Sua política de conter a inflação na base do controle artificial de preços e dos cortes de investimentos mostrou-se danosa ao povo e ao país.

Todas as forças patrióticas têm pela frente a necessidade urgente de mobilizar a opinião pública para fazer com que a mudança no ministério conduza a uma nova política, de desenvolvimento autônomo e independente, visando o progresso e o bem estar para os brasileiros.

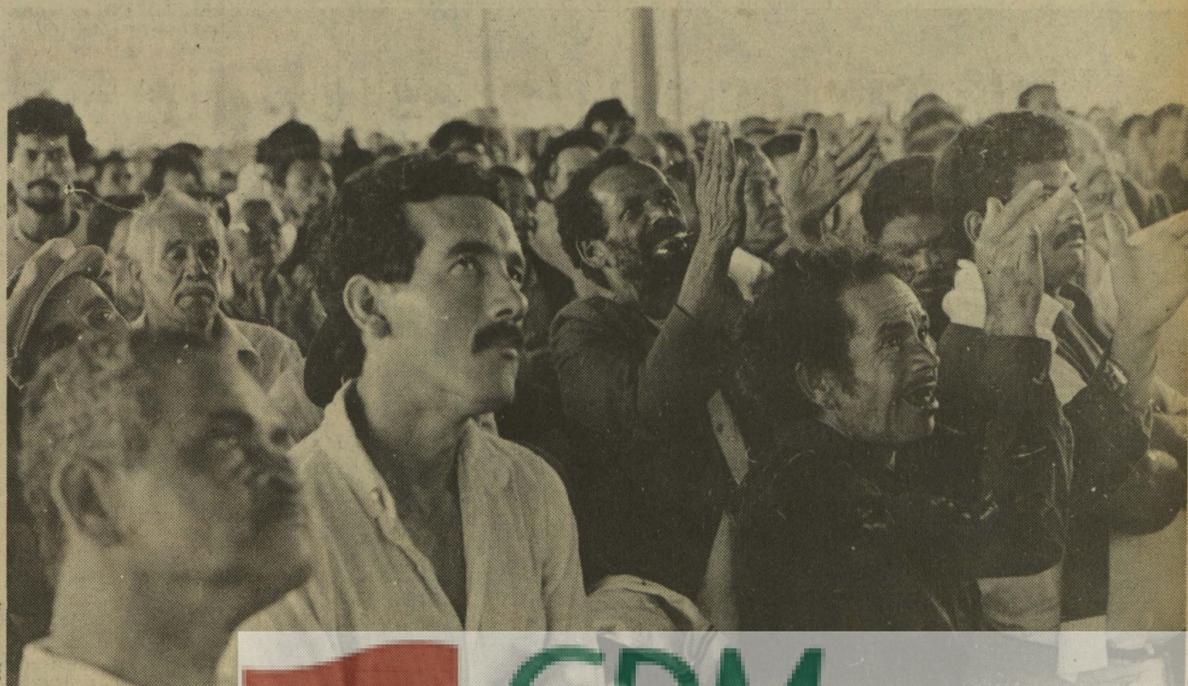
Urge para isto desmascarar cabalmente as tentativas de continuar mergulhando o país na recessão e de liquidar as empresas estatais para entregá-las às multinacionais. Esta diretriz leva ao arrocho salarial ainda maior e ao crescimento do desemprego. Sacrifica o povo e a nação para garantir aos agiotas internacionais o pagamento de bilhões e bilhões de dólares a título de juros da dívida externa.

A posse da nova equipe encabeçada pelo sr. Dílson Funaro não representa, por si só, a escolha de uma nova orientação político-econômica. Isto vai depender da correlação de forças em ação. O elemento chave será a mobilização popular exigindo romper acordos com o FMI e sustar a sangria de recursos para o exterior para aplicá-los em benefício do país.

A batalha em torno destes dois caminhos opostos é que explica portanto o agravamento dos atritos na vida política nacional. Como sempre ocorre quando se pretende golpear a democracia, ressurge a indústria do anticomunismo, cultivada sempre pelos militares e agora pelo sinistro Jânio Quadros. Só que os tempos mudaram. Os milhões que saíram às ruas pelas diretas-já e por mudanças não toleram mais a tutela dos generais e muito menos as bravatas históricas do sr. Renúncia da Silva Quadros.

Hordas fascistas de Jânio atacam

O ex-presidente apela para os métodos de Hitler e Mussolini, ataca uma manifestação no Bixiga e ameaça usar da violência contra os democratas anti-janistas. Em troca, recebe o apoio de Delfim Netto e de Paulo Maluf... Leia na última página.



Manifestantes aplaudem a reforma agrária em Registro: o trem que os conduziu teve que fazer duas viagens lotado

Reforma Agrária é exigência nacional

Manifestação em Registro, São Paulo, supera todas as expectativas com 12 mil presentes, jovem presidente de Sindicato expõe a situação dos camponeses do Estado de Goiás;

Trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul e Goiás também estão mobilizados. Leia na pág. 6

CDM

Centro de Documentação e Memória

Opressão, miséria e humilhação da mulher no Quênia



O país onde se realizou a Conferência Internacional da Mulher, Quênia, é um exemplo vivo da complexidade do fator cultural na emancipação da mulher. O Quênia é um país africano com 17 milhões de habitantes. A mortalidade infantil é das maiores do mundo, há grandes regiões desérticas, e um regime ditatorial que domina o país desde 1963, presidido há sete anos por Arap Mói.

Cerca de 15% da população vive em Nairobi e Mombassa. O restante espalha-se por pequenas cidades e tribos do deserto e das zonas verdes, onde a agricultura, baseada no café, chá e hortigranjeiros é próspera. Kimero, Somali, Kikuiu e Massai são as principais tribos e disputam entre si o poder político no país.

Entretanto desde 1936 o KANO, partido no qual todos os cidadãos são obrigados a se filiar, impõe a violência e a corrupção sobre os quenianos. As fotos de Mói estão espalhadas pelas lojas, escolas, tendas... O dinheiro tem seu rosto. E por onde ele passa, com uma bengala de marfim, o povo tem que jogar-se ao chão, num reconhecimento de seu poder.

A força é a lei. Milhares de cidadãos são condenados à forca por roubo ou manifestação política. Há um ano cerca de 60 lideranças estudantis estão desaparecidas. Não há nenhuma organização legal de trabalhadores, mulheres, jovens ou estudantes.

Neste regime, não é permitido discutir a situação das mulheres. O controle da natalidade é um exemplo. Ele vigora há dois anos, e neste período milhares de mulheres foram esterelizadas sem o saber.

MULHERES VIOLENTADAS

Cerca de 3 mil quenianas participaram da Conferência Internacional da Mulher em Nairobi. Nenhuma sabia o que estava fazendo ali. Foram obrigadas a participar, fantasiadas com chales, véus e outras vestimentas típicas, inclusive daquelas reservadas às mulheres dos governantes. Pedintes, prostitutas e aleijadas foram escolhidas para formar a delegação do país. Acabou a Conferência, a 20 de julho, e elas voltaram às ruas, em estado de absoluta miséria, a maioria com filhos pequenos.

O atraso cultural entre as tribos é um dos grandes fatores do atraso político do país, submetido à colonização britânica até 1963. Os nativos vivem em malocas. Cada família tem três casas: uma para a mãe, que fica com os filhos até nove anos; uma para o pai, que ali recebe suas até 10 esposas; e outra para os meninos maiores de



As mulheres não são consideradas seres humanos no Quênia

nove anos, idade de circuncisão.

A poligamia é um dos principais caracteres culturais, e que submete as mulheres a difíceis situações no tocante à sua emancipação. É fator de demonstração de riqueza masculina em numerosas mulheres que compram. Mesmo em Nairobi, universitárias são vendidas pelos pais...

O casamento é realizado no mesmo dia em que a moça sofre a incisão do clítoros, dos grandes lábios vaginais e, algumas, dos pequenos lábios, sem higiene ou anestesia. Algumas tribos realizam a clitorectomia nas meninas de nove anos. As mulheres não podem reclamar da dor. Muito menos sentir prazer sexual.

O casamento é realizado no mesmo dia em que a moça sofre a incisão do clítoros, dos grandes lábios vaginais e, algumas, dos pequenos lábios, sem higiene ou anestesia. Algumas tribos realizam a clitorectomia nas meninas de nove anos. As mulheres não podem reclamar da dor. Muito menos sentir prazer sexual.

DRAMA NA GRAVIDEZ

"Mulher sem filhos não é mulher", diz um ditado do Quênia. Por isto as mulheres tem um filho após outro. Amamentam até os 2 anos, mesmo que já estejam gestando outro bebê. Isto eleva o risco de mortalidade infantil a 30%, devido ao baixo peso das crianças. As africanas em geral aumentam o máximo de 6 kg durante a gravidez, enquanto as ocidentais aumentam 14 kg! O peso médio de uma africana é de 45 kg, contra 58 kg da ocidental e de 50 kg da norte-americana.

As grávidas do Quênia trabalham sol a sol na lavoura, com o filho menor nas costas. Seu trabalho constitui-se em 70% da produção agrícola, mas seu salário é 10 vezes menor que o dos homens. A anemia atinge metade das mulheres de 15 a 49 anos - o índice é maior entre as grávidas.

Agências estrangeiras de alimentação e controle da natalidade aproveitam-se desses fatos para atuar no país sem que a população tenha qualquer ingerência sobre elas. Obrigadas a ter seus filhos em Nairobi, num hospital estatal, as gestantes esperam a vez para os 25 leitos, sempre ocupados, sem higiene ou cuidados. Ali

são esterelizadas, sem o saberem.

Os anticoncepcionais são distribuídos a meninas a partir dos 10 anos. O uso inadequado leva não só à prostituição de crianças, mas a milhões de abortos em crianças e adolescentes. Uma aborteira realiza dezenas de abortos, sem esterilização. As doenças venéreas cegam milhares de pessoas. A malária cerebral leva à morte outras tantas.

REPUDIADAS PELOS MARIDOS

A única forma de selar novos casamentos é um filho. Como as mulheres são esterelizadas sem saber, acabam repudiadas pelos novos maridos. O número de mulheres com desgastes mentais por este fator é imenso. Sem contar as que são enviadas à prostituição pelos seus maridos, porque "mulher que não tem filho é prostituta".

Ao ficar viúva, a mulher é entregue ao cunhado, que lhe arrumará um novo marido. A tribo a protegerá até a morte caso fique na aldeia. Mas estará condenada para sempre se decidir tentar uma vida nova na cidade. Uma queniana jamais saberá quanto ganha seu marido. É proibida de perguntar. Se o fizer, será expulsa de casa, enviada à prostituição.

Estes dados foram fornecidos por estrangeiros que vivem no Quênia há muitos anos. São impossíveis de serem obtidos de quenianas: "Uma queniana não fala de si, porque não existe enquanto pessoa", afirma-se. E se falar, e o marido souber, cai na desgraça e na prostituição.

São mulheres tristes e angustiadas. Devotadas aos filhos até a morte. Pela constituição, são escravas dos maridos. E o próprio ditador Arap Mói demonstra isso: sempre que viaja leva consigo sete prostitutas. Uma para cada dia da semana, para afirmar seu poder e sua masculinidade. (Télia Negrão. O primeiro artigo desta série foi publicado na T.O. nº 231)



O Rainbow Warrior vai a pique após atentado dos belicistas

Trapalhadas dos agentes secretos de Mitterrand

Intriga, ação, suspense e... cinismo! Assim poderia ser apresentada a atabalhoada ação terrorista francesa contra a traineira Rainbow Warrior (Guerreiro do Arco-Íris) na Nova Zelândia. A traineira pertencia ao movimento pacifista Greenpeace (Paz Verde) e foi a pique. O governo neozelandês está considerando o atentado "quase um ato de guerra" da França contra a Nova Zelândia.

INTRIGA! Desde março, segundo a investigação oficial do governo Mitterrand, o Ministério da Defesa, chefiado por Charles Hernu, ordenou ao serviço secreto (Departamento Geral de Segurança Exterior - DGSE) que espionasse a Organização Ecológica Internacional Greenpeace.

As Forças Armadas do governo social-democrata francês estão com uma extensa programação de testes nucleares para este ano, e a Greenpeace queria impedi-los, com a justa preocupação de salvar vidas de animais ameaçados de extinção e de preservar o meio ambiente da poluição nuclear.

ACÇÃO! Na noite de 10 de julho, no porto de Auckland, Nova Zelândia, alguns terroristas explodiram duas bombas no navio Rainbow Warrior, da Greenpeace, afundando-o. No atentado morreu o fotógrafo-ecologista português Fernando Pereira. O navio ia tentar atralhar testes atômicos da França que estavam para ser executados no atol de Mururoa, Polinésia. Com sua destruição os testes franceses foram realizados sem maiores incômodos.

SUSPENSE! O governo da Nova Zelândia, encabeçado pelo primeiro-ministro David Lange, há tempos vem protestando contra testes nucleares na região sul do Oceano Pacífico. Chegou mesmo a proibir que submarinos nucleares ianques atraquem em seu país. Indignado com o terrorismo contra o Rainbow Warrior, ordenou a investigação policial do caso. E alertou: "Se ficar provada a participação do governo francês (no atentado), tratarei o caso como um ato de guerra".

Logo dois espões franceses foram presos na Nova Zelândia: a capitã Dominique Prieur e um major cujo nome não foi revelado. Os dois estavam portando passaportes suíços falsos e circulavam por perto do Rainbow Warrior. O governo neozelandês emitiu ordem de prisão também contra outros quatro agentes do serviço secreto francês que estavam irregularmente no país. Um jornal francês denunciou que uma outra espia, a tenente Christine Huguette Cabon, havia se infiltrado na Organização Greenpeace e que, dias antes do atentado, ela estivera no Rainbow Warrior.

CINISMO! A esta altura, até mesmo o basbaque dr. Watson diria: "Elementar, meu caro Sherlock Holmes. O serviço secreto francês foi o autor do terrorismo!". Porém Mitterrand não é tão britânico. Nomeou um ex-assessor de Charles de Gaulle, Bernard Tricot, para investigar o caso. O gaullista se comportou como o Inspetor Clouseau, da comédia "Pantera Cór-de-Rosa". Levou quase 20 dias tratando do caso e concluiu que não houve "responsabilidade oficial francesa", apesar de ter confirmado que o serviço secreto recebeu ordens do ministro Charles Hernu para impedir as ações da Organização Greenpeace. Espões franceses que conseguiram escapar da Nova Zelândia após o atentado apresentaram-se às autoridades de Paris e foram liberados, sem sequer serem interrogados!

OPINIÃO

Limites do movimento ecologista

Nos últimos tempos multiplicam-se as organizações de defesa da ecologia e os movimentos pacifistas. São expressão da resistência de setores da sociedade à degradação da natureza e à corrida armamentista promovida pelo capitalismo em sua fase imperialista. São movimentos que podem inclusive ajudar a adiar temporariamente a guerra. Mas não são suficientes para pôr fim ao perigo belicista.

A verdade é que movimentos como o Greenpeace ficam na aparência das coisas. Quando o presidente da entidade, David McTaggart, afirma que pretende proteger o meio ambiente de modo não violento e sem nenhuma posição política, está simplesmente confessando que pretende curar o câncer belicista do imperialismo tomando uma aspirina.

Lênin já alertava ao movimento operário e aos povos que o imperialismo engendra inevitavelmente as guerras. É um recurso para países exploradores redividirem suas zonas de influência e exploração. Portanto, para eliminar a inevitabilidade das guerras é preciso destruir o imperialismo. E isso, só ligando os movimentos pacifistas, ecológicos e outros ao objetivo socialista. Ou seja, à luta política, que pode envolver inclusive modos violentos, já que os exploradores logo apelam à força para manter-se no poder.

A oposição francesa, é claro, não está satisfeita com a investigação do atralhado detetive de Mitterrand. Menos ainda está o governo da Nova Zelândia, que não aceitou a "inocência" do governo social-democrata da França no caso.

Há ainda uma terceira parte interessada: a Organização Greenpeace. Seu presidente, David McTaggart, afirma sobre a entidade: "Somos um punhado de homens e mulheres que trabalham para proteger o meio ambiente de modo não violento e sem nenhuma posição política". O grupo tem 2 milhões de adeptos no mundo, e já está novamente no Pacífico Sul, tentando evitar novos testes nucleares. "Queremos ressaltar o grande crime, a grande injustiça que não só a França, mas também os Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e China cometem ao empreenderem programas de testes nucleares", declara David McTaggart. Porém, sem assumir uma luta política aberta contra o imperialismo, os ecologistas-pacifistas não conseguirão barrar a corrida armamentista, por mais imbridos de heroísmo que estejam (os Pompe).

Prisões e desteros no Chile de Pinochet

O general Augusto Pinochet comemorou no último dia 23 seu 12º ano no cargo de comandante-em-chefe do Exército, enviando mais de 14 opocionistas para aldeias distantes do norte e sul do país, no chamado exílio interno, sanção aplicada pela via administrativa, sem conhecimento ou possibilidade de apelação através do judiciário. Neste ano, 91 opocionistas já foram punidos com esse destero de 90 dias.

Na última semana também, o governo militar enfrentou mais um escândalo, depois que um juiz militar emitiu a ordem de prisão contra o ex-diretor do serviço de segurança da polícia, coronel Luis Fontaine, acusado de encobrir a morte por torturas de um jovem militante socialista. O coronel carabineiro Fontaine é também um dos 14 gendarmes acusados de envolvimento no degolamento de três opocionistas ocorrido em março passado.

Sandinistas barram ataques terroristas

Os rebeldes nicaraguenses da somozista FDN - apoiados pelos EUA - continuam fustigando o governo sandinista. Dia 25 o Exército sandinista rechaçou o ataque de 300 membros da FDN a uma cooperativa de Zinica, no norte de Matagalpa, com um saldo de 30 rebeldes e 7 milicianos sandinistas mortos, além de 7 civis feridos. Segundo o Ministério da Defesa da Nicarágua, de 15 a 21 de agosto foram mortos 70 contrarrevolucionários, em diversas operações armadas, principalmente no norte do país.

Argentina reformula a Lei de Segurança

A Câmara dos Deputados da Argentina aprovou no último dia 21 uma nova Lei de Segurança Nacional restringindo a função das Forças Armadas à defesa contra as agressões externas, deixando qualquer conflito interno sob controle da Polícia Federal, da Polícia Marítima e da Gendarmaria Nacional (polícia militarizada de fronteira). Fica assim eliminado da nova lei de defesa argentina, o conceito de "fronteiras ideológicas", que permitia às Forças Armadas intervir para enfrentar o "inimigo interno" - álbi para a derrubada de governos constitucionais na década de 60, não só na Argentina, mas também no Brasil, Bolívia e Paraguai.

Manobras militares dos EUA na Amazônia

O Senado peruano solicitou às Forças Armadas e ao Ministério de Relações Exteriores informações detalhadas sobre os "jogos de guerra" realizados na Amazônia peruana - zona selvática vizinha ao Brasil e Colômbia - por 247 fuzileiros navais dos EUA, em conjunto com o Exército e a Força Aérea do Peru. Os exercícios - que se prolongaram do dia 13 ao dia 26 - consistiram de manobras simuladas anti-guerrilha e treinamento de sobrevivência na selva.

Reagan dedava os artistas ao FBI

O presidente norte-americano Ronald Reagan, ex-ator de cinema, foi informante da polícia federal (FBI) na década de 40, inclusive durante o período em que foi presidente do Sindicato dos Atores de Hollywood segundo denunciou o jornal *The San Jose Mercury News*, confirmado posteriormente pela Casa Branca. A função de Reagan era fornecer ao FBI informações sobre as inclinações democráticas e comunistas dos artistas de Hollywood.

Pressões sionistas na Cisjordânia

A maior parte das terras compradas por sionistas na Cisjordânia ocupada foi através da "falsificação, logro, pressões e ameaças" sobre os árabes. Agora é a própria Procuradoria Geral israelense quem assume a denúncia, feita a vários anos pelos povos árabes.

A usurpação israelense não ocorre apenas em relação à terra: no início de julho foi fechado o hospital Hossice, da parte velha e árabe de Jerusalém. Segundo o presidente da União dos Médicos Palestinos, Ismail Taziz, "o fechamento do hospital é mais uma etapa na liquidação planejada da identidade palestina". O Hospice, que antes da anexação por Israel da parte árabe de Jerusalém era o principal centro público de assistência da região, continuava sendo até o seu fechamento o único hospital a dar assistência à população carente árabe.

Nessa luta para acabar com os árabes, o exército de Israel tem um papel importante, não hesitando em usar métodos terroristas, como a destruição de casas de árabes acusados de atos de resistência ocupantes israelenses.

Violência racista e crise econômica na África do Sul

Continuam as barbaridades racistas na África do Sul. A polícia do governo de apartheid de Pieter Botha abate nas ruas os negros que protestam contra as discriminações que sofrem e multiplicam-se as prisões de lideranças oposicionistas. O número de mortos no último ano e meio já ultrapassa os 630. Agora Botha proibiu notícias sobre os conflitos no país. As pressões internacionais contra o apartheid levaram o governo sul-africano a suspender os negócios na bolsa e no mercado monetário dia 27, buscando contrapor-se à desvalorização da moeda local, rand.

O governo racista não perdoa nem mesmo os arautos da não-violência, que insistem em realizar uma resistência "passiva" à truculência sem par dos soldados de Botha. Na semana passada foram presos o pastor Alan Boesak, presidente da Aliança Mundial de Igrejas e



Polícia racista invade as favelas negras no Cabo, África do Sul

fundador da Frente Democrática Unida, e o filho do arcebispo Desmond Tutu, Trevor. Dias antes outros 27 dirigentes da FDN - que congrega mais de 600 entidades, haviam sido encarcerados. Todos estão incomunicáveis. Há denúncias de tortura. No dia 28 houve

passateia de protesto, exigindo liberdade para os presos, inclusive para Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano preso há mais de 20 anos e que tem ciência de que, sem a violência revolucionária, não há como derrocar a violência dos exploradores.

Alívio geral: Dornelles caiu

Não é de todo verdadeiro afirmar que a queda do ministro da Fazenda Francisco Dornelles, do presidente do Banco Central Carlos Lemgruber e suas equipes tenha sido a primeira crise ministerial da Nova República. A rigor, ela assemelhou-se mais ao desmoronamento tardio de um pedaço do antigo regime, que teimava em sobreviver na área econômica.

Amazonas: "Demissão merece sem dúvida o apoio do povo"

João Amazonas, dirigente do Partido Comunista do Brasil, comentou desta forma o afastamento de Dornelles:

"Desde a formação do ministério de Tancredo Neves, o povo brasileiro via com preocupação a ida do sr. Francisco Dornelles e sua equipe de tecnocratas para a pasta da Fazenda, uma vez que ocupavam importantes posições no setor financeiro do regime militar. Nestes seis meses do novo governo constatou-se que a política econômico-social por ele realizada seguia orientação semelhante à do período anterior. Quase nada mudou. Na prática, predominavam as exigências dos banqueiros internacionais através do FMI. A badalada redução dos índices inflacionários era artificial, não encontrava apoio na realidade. Já este mês de agosto, tais índices vão para uns 13 ou 14%. Daí o agravamento continuado da situação do país, sentido particularmente pela população trabalhadora com o brutal e insuportável aumento do custo de vida nos dois últimos meses.

"Por isso, o povo brasileiro respirou aliviado ao saber do afastamento do ministro Dornelles e seus auxiliares mais próximos. Embora não se conheçam os rumos que tomará o novo ocupante da área econômica, o sentimento geral é de que se modifique a política atual nesse terreno. Efetivamente, se se quer enfrentar a crise que perdura e a herança ruínosa deixada pelo governo militar, é preciso adotar medidas corajosas em concordância com a defesa dos verdadeiros interesses nacionais. Entre estas destaca-se a questão da dívida externa de onde provém, em última instância, a recessão, a inflação, o déficit público, a alta taxa de juros etc. Aqui reside o problema decisivo: ou trataremos em primeiro

plano aquilo que é fundamental para o desenvolvimento do país e para sua recuperação econômica, ou atenderemos, como até agora, as exigências absurdas dos banqueiros estrangeiros e, então, a situação continuará se agravando.

"A demissão do sr. Dornelles merece, sem dúvida, o apoio do povo e de suas organizações sociais e políticas. Esse apoio é indispensável porque expressa ao mesmo tempo o desejo de mudança reclamada pela maioria da nação que espera ver cumpridas as promessas feitas em praça pública, quando da luta sucessória. Os reacionários e associados ao capital estrangeiro manifestaram incontinenti sua discordância com o afastamento do Delfim Netto da Nova República. É que ele aplicava a orientação que lhes convinha mas sacrificava o povo e causava grandes prejuízos ao Brasil. Tais elementos não tardarão em atacar mais raivosamente ainda as forças democráticas, patrióticas e populares, que exigem solução progressista para as dificuldades que o país atravessa. Contudo, a união e a luta destas forças acabará triunfando".



Foto: César Diniz
Amazonas: a nação quer mudança

Demissão do ministro é comemorada nas fábricas

"Caiu o Delfim Netto do governo Sarney". Desta forma um operário da Hexten Carp, empresa com 600 metalúrgicos na Vila Maria, capital paulista, avaliou, satisfeito, a queda do ministro Francisco Dornelles. Segundo os dirigentes de vários Sindicatos de São Paulo, diariamente em contato com as bases operárias, a reação dos trabalhadores à notícia foi de contentamento e expectativa.



Foto: César Diniz
Vital ficou alegre

Para Eustáquio Vital, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e que na madrugada do dia 28 dirigiu uma assembleia na porta da fábrica La Font, "os operários ficaram satisfeitos com a queda do Dornelles". De acordo com Vital, "este era o ministro de Sarney mais antipatizado pela massa trabalhadora. Era comparado com o detestado Delfim".

O dirigente metalúrgico avalia que a demissão "mostra as contradições que o governo enfrenta. De um lado, um setor que defende uma postura mais firme nas negociações da dívida externa e é contra uma política recessiva. De outro, a ala dos conservadores que defende a continuidade da política econômica do regime militar, com arrocho salarial e desemprego. Esta ala era encabeçada pelo Dornelles e sua exonerção representa uma vitória dos setores mais progressistas".

No entanto, Vital não alimenta ilusões. "Só a demissão não é suficiente para o governo tomar medidas mais firmes a favor da nação e do povo. A luta interna entre mudancistas e moderados continua. O que não é certo é o movimento sindical ficar assistindo essa briga de foice como mero espectador. Afinal o pau tá comendo em cima de questões de nosso interesse, como dívida externa, reforma agrária, privatização das estatais. O sindicalismo tem que se manifestar".

Luis Antônio, vice-presidente do mesmo Sindicato, concorda e acrescenta: "O jogo de pressões é muito grande, com os reacionários se mobilizando para impedir mudanças profundas na economia. O Sarney mostrou sensibilidade ao exonerar o Dornelles. Afinal, esse ministro desgastava o

governo. Mas só isso não basta. A Nova República precisa tomar medidas concretas contra o desemprego e a recessão".

GRANDE EXPECTATIVA

Quando à indicação do empresário Dílson Funaro para o posto de ministro da Fazenda, os trabalhadores ainda aguardam para avaliar sua atuação. Conforme lembra Carlos Clemente, secretário geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, "não podemos esquecer que ele é industrial e faz parte da Fiesp, uma entidade reacionária dos patrões".

Para ele, "os operários das fábricas ficaram satisfeitos com a queda do Dornelles. Ele era mal visto. Junto com o Roberto Gusmão, era o mais reacionário do atual ministério. Defendia publicamente o corte do trimestral. Sua queda foi positiva. Mas o pessoal também não bota a mão no fogo pelo Funaro. Afinal ele é patrão".



Foto: César Diniz
Nilton: "esperança"

Nilton Octaviano, presidente do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, é outro que prefere ver primeiro as decisões do novo ministro. "Ele tomou posse prometendo baixar os juros. Vamos ver se cumpre". Mesmo assim, Nilton está otimista: "Dornelles era a principal ovelha negra do atual governo. O Sarney criticava a recessão econômica, ele elogiava. O presidente falava que povo não podia ser mais molestado do que já é, e o Dornelles propunha um baita aumento do Imposto de Renda. Só o fato de ser jogado fora do ministério já nos dá um pouco de esperanças de que vai haver mudanças na economia em favor do povão".

Dornelles fora escolhido para o ministério desde cedo por Tancredo Neves, seu tio. Até então desempenhara cargo de confiança na equipe de Delfim Netto, chefiando a área tributária. Conta-se que Tancredo planejava aproveitar-se dos dotes tecnocráticos do sobrinho, reservando para si próprio, pessoalmente, o comando político da economia.

O fato é que Tancredo adoeceu e morreu. E o sobrinho desde o começo mostrou que tinha a boca irremediavelmente torta pelo cacimbo da ditadura.

Não foram poucas as vezes em que o agora ex-ministro desafiou gritantemente dos compromissos de mudança assumidos pela Nova República. Foi ele que tentou, por baixo do pano, elevar o imposto de renda sobre os assalariados de renda mais baixa, tirando deles Cr\$ 10 trilhões. Defendeu cortes drásticos nas empresas estatais, inclusive com redução do pessoal, arrocho nos salários e restrições nos investimentos que provocariam recessão e desemprego em massa. Foi um entusiasta da atual campanha publicitária da privatização (leia-se desnacionalização). "Eu sou favorável - dizia - à privatização de todas as empresas do Estado". Inclusive a Petrobrás, a Vale do Rio Doce, a Eletrobrás. Todas.

Quando José Sarney afirmou de público no dia 14 que o Brasil tem "divergências" com o FMI, Dornelles passou a repetir em todas as entrevistas que "não existem divergências entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional". Para o problema do déficit público, advogava uma política de "dinheiro público a juros altos", altamente danosa para o desenvolvimento econômico e a vida do povo, embora muito lucrativa para os bancos.

Almoço com banqueiros deu resultado inverso

Na realidade, a quem interessa uma política desse tipo? Primeiro aos banqueiros internacionais, que abarrotam seus cofres com os juros da dívida externa brasileira. Segundo, aos banqueiros tupiniquins, que sempre faturavam altíssimos lucros, quer no "milagre", quer na crise, com as taxas de juros que a linha Dornelles fazia subir sempre mais.

Não por acaso, o incidente que precipitou a queda ocorreu precisamente num banquete oferecido por duas dúzias de grandes banqueiros e pela Febraban (Federação Brasileira das Associações de Bancos), no Hotel Carlton, em Brasília, para prestigiar a gestão Dornelles. Como o titular da pasta estava em Paris, quem compareceu ao almoço foi seu secretário-geral, Sebastião Marcos Vital.

Vital entusiasmou-se e fez um discurso cheio de farpas contra o governo Sarney, a "tendência populista" que haveria no ministério, os reajustes de salários. Depois, houve um coquetel para deputados e senadores da linha Dornelles com o notório testa-de-ferro do imperialismo Roberto Campos.

Ocorre que, na sexta-feira dia 23, o "Jornal de Brasil" dava a notícia do discurso. No mesmo dia, José Sarney assinava a destituição de Vital. Na manhã de sábado, Dornelles desembarcava no aeroporto internacional do Rio, sabe da notícia, escondendo-se da imprensa e, no domingo, constata que sua posição na Fazenda era insustentável.

O pedido de demissão veio na manhã de segunda-feira. Carlos Lemgruber, que executava no Banco Central a política de Dornelles, demitiu-se em seguida, em solidariedade. O povo aplaudiu. E houve alívio em Ministérios como os da Agricultura e do Planejamento, e nas bancadas do PMDB no Congresso, que há muito se queixavam da orientação Dornelles. Em compensação, os ministros Roberto Gusmão, da Indústria e Comércio, e Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, foram, "contristados", beber o uísque da despedida com Francisco Dornelles.

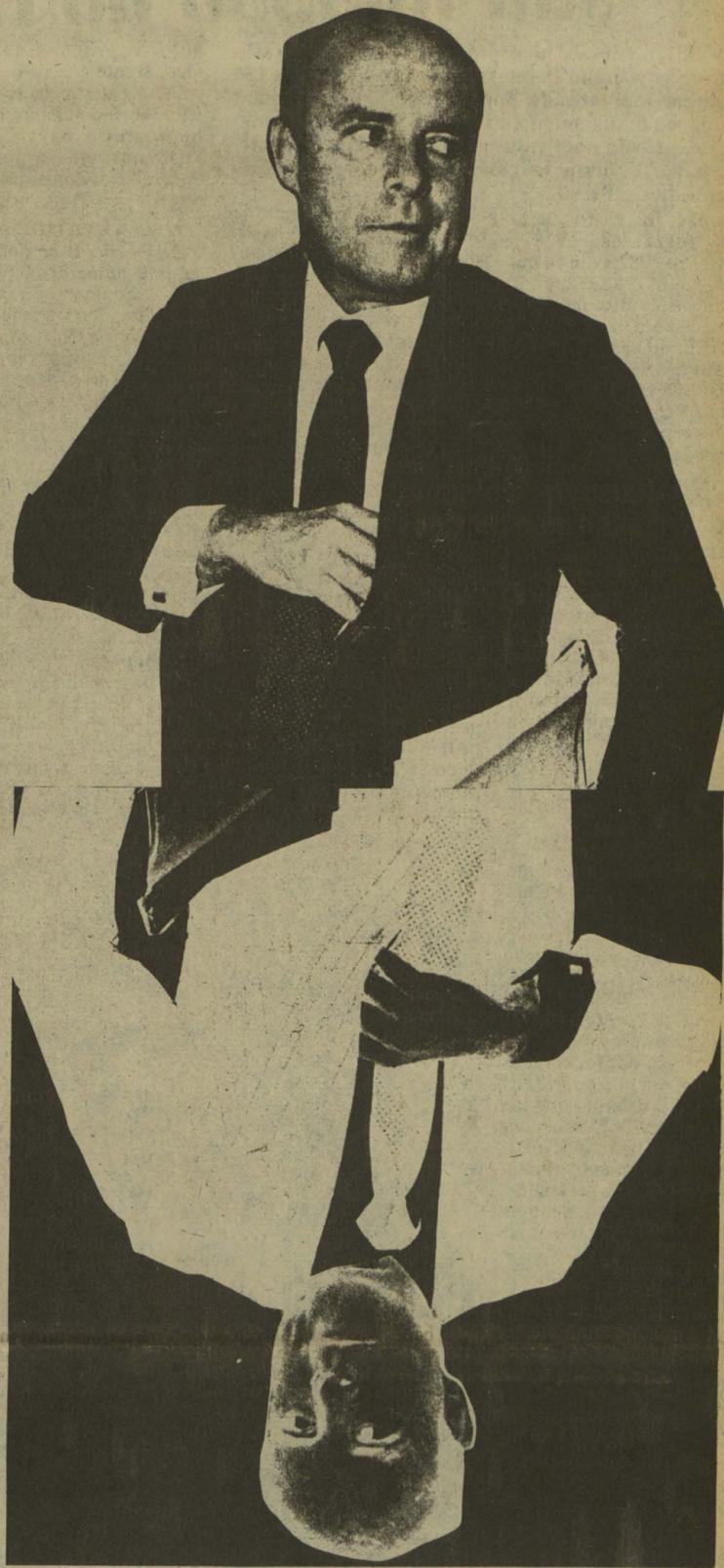
Será que as mudanças agora vêm para valer?

Era uma severa derrota da política econômica da ditadura, que a Nova República herdara em grande parte, mas que o Brasil não agüenta mais.

A luta, porém, não se interrompeu por um minuto sequer. Para preencher o posto vago, lançou-se o nome de João Batista de Abreu, oriundo da equipe de Delfim Netto. Outros preferiram o banqueiro Olavo Setúbal, do Grupo Itaú, hoje ministro do Exterior e expoente do PFL.

Sarney escolheu Dílson Funaro, empresário, mas ligado ao setor industrial e não aos bancos (é presidente da Trol), adversário histórico da política de Delfim Netto e participante dos comícios pelas diretas em 1984. Já para a presidência do banco Central o nome veio dos bancos: é Fernão Bracher, vice-presidente do Bradesco.

O que vai mudar agora na economia? É uma questão que depende de numerosas variáveis, fortes conflitos de interesses e um jogo pesado de pressões e contra-pressões dentro e fora do



governo. Mas os juros altos terminam, por menos, estão em evidência: a do déficit nos gastos públicos e a mais grave de todas, da dívida externa.

O déficit vem do fato singelo de que o governo gasta mais do que ganha - sobretudo, diga-se de passagem, para pagar os juros da dívida externa. E é um rombo que cresce em bola de neve - 545% ao ano. Em 1984, deve passar de Cr\$ 120 trilhões. Todos concordam em reduzi-lo. Mas como?

Dornelles seguia a receita do FMI: se há déficit, o jeito é gastar menos, cortar gastos públicos inclusive na área social, diminuir os investimentos das estatais mesmo causando recessão; é vender as empresas do Estado; é aumentar os impostos ainda que penalizem os assalariados. E, por fim, o ingrediente de destaque na receita: pegar dinheiro emprestado, por meio de papéis tipo LTNs, ORTNs.

Ocorre que nesse caminho a dívida pública cresceu mais ainda que o déficit, no ritmo alucinante de 577% ao ano. E, como quem empresta o dinheiro só o faz em troca de juros, o orçamento do Estado termina ainda mais arrombado. Na verdade estes juros, da chamada dívida externa, são de longe os maiores responsáveis pela dívida pública. Este ano, devem ultrapassar Cr\$ 91 trilhões!

Para pagar os juros, o governo se endivida mais. E ao fazê-lo joga as taxas de juros ainda mais para cima, pela lei da oferta e da procura. Os juros no Brasil estão três ou quatro vezes maiores que no resto do mundo. Nos últimos 12 meses, enquanto os salários reais pagos por hora na indústria diminuam 4,5%, os juros reais subiam 50%.

É um negócio da China, às custas dos cofres públicos e do povo, que o banqueiro Marcílio Marques Moreira, do Unibanco, justifica com este argumento maroto: "Os agentes financeiros exigem um prêmio (!), além das taxas de juros razoáveis, para cobrir as incógnitas atuais".

Além de realimentar o déficit público, num círculo vicioso, os juros astronômicos provocam recessão. A indústria deixa de investir no aumento da produção. O consumo também se retrai, pois ninguém agüenta comprar

a prazo. E os juros altos terminam, por alimentar também a inflação, pois são repassados para todas as mercadorias. Não é à toa que a inflação, após um recuo superficial, passou para 14% em agosto.

Assim, a receita Dornelles FMI para o déficit público era um verdadeiro veneno. E uma política que force a baixa dos juros (o Banco Central tem meios para isso) seria de fato benéfica.

Os meios imperialistas reagiram com desagrado

Há porém outro aspecto, mais sério ainda, onde a linha Dornelles revelou-se um fiasco: o tratamento da dívida externa.

Os noticiários dão a impressão contrária. Elogiam o acordo firmado dia 21 por Lemgruber, em Nova Iorque, prorrogando por 140 dias a renegociação da dívida brasileira. Há quem diga até que os banqueiros concordaram na tentativa de fortalecer seu aliado Dornelles.

No entanto, a prorrogação do prazo só prolonga a agonia. Em termos de dinheiro sonante os banqueiros internacionais continuam embolsando seus juros, com ou sem prorrogação, tal e qual no velho regime.

Os meios imperialistas reagiram com desagrado à queda da dupla Dornelles-Lemgruber. O jornal "Financial Times", de Londres, estampou em editorial que isso ia "dificultar ainda mais" um acordo com o FMI. Um banqueiro do Comitê de Renegociação da dívida brasileira, disse: "Não sabemos o que acontecerá daqui para frente". O representante de um dos dez maiores bancos americanos pôs em dúvida se a prorrogação por 140 dias, depois desta, teria a adesão dos 700 bancos credores do Brasil.

A nova equipe Funaro-Bracher, por enquanto, só falou na dívida externa para reafirmar os compromissos assumidos anteriormente. E é cedo para dizer se ela será capaz de finalmente levar à prática aquilo que Sarney tem prometido a respeito. Isto não se decide no plano das intenções e sim no choque das pressões e contrapressões sobre o governo, inclusive aquelas do setor financeiro. A dívida externa não se retrai, pois ninguém agüenta comprar

Aurélio discute com o povo a sua filiação ao PC do B

No último dia 24 o deputado federal e operário metalúrgico Aurélio Peres, reuniu-se com cerca de 150 lideranças populares da Zona Sul de São Paulo para discutir seu desligamento do PMDB. A maioria esmagadora aprovou com entusiasmo sua decisão de integrar, a partir desta semana, a bancada do Partido Comunista do Brasil.

Aurélio foi eleito deputado federal em 1978 e reeleito em 1982, com 60 mil votos vindos em sua grande parte dos operários moradores de Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo. Na reunião do dia 24, ao anunciar sua presença na bancada do PC do B, assegurou: "Não quero dar este passo sozinho, pois meu mandato foi uma tarefa que vocês me delegaram".

DEBATE

Lideranças de SABs, atividades metalúrgicas e personalidades políticas da região atenderam ao convite do deputado operário. Entre eles, Eustáquio Vital, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, o administrador regional do Campo Limpo, Abel Abate, político vinculado às lutas populares e o presidente regional do PC do B, Antonio Neto Barbosa.

Quando o deputado perguntou se deveria ficar no PMDB ou ir para o PC do B, a resposta "PC do B" foi quase unânime. Houve quem achasse que ele devia permanecer no PMDB, temendo dificuldades para a reeleição à Constituinte em 1986. E Aurélio procurou explicar sua opção, perguntando: "Será que no PMDB eu cumpro a tarefa que me foi delegada?" E concluiu: "Não tenho dúvidas de que o partido que defende os interesses da classe operária é o PC do B. No PC do B minha tarefa será organizar a classe e o seu partido".

Aprovada no final do encontro pela quase totalidade dos presentes, a ligação de Aurélio no Partido Comunista do Brasil será formalizada dia 30. No dia seguinte, um sábado, o comitê do deputado em Santo Amaro volta a receber os trabalhadores da Zona Sul, desta vez para festejarem a participação do deputado no partido de sua classe. E para renovar o apoio do eleitorado a um parlamentar que não faz de seu mandato um trampolim para cargos, mas antes um instrumento de luta do povo.

CONVENÇÃO EM BH

Em Belo Horizonte, o PC do B realizou dia 24 sua 1ª

Convenção Municipal de Belo Horizonte, onde definiu o apoio ao candidato do PMDB a prefeito, Sérgio Ferrara, que presenciou o ato. Houve uma manifestação política que contou com a presença de diversas lideranças populares, sindicais e políticas.

O candidato Sérgio Ferrara elogiou a posição adotada pelo PC do B e comprometeu-se a exercer uma administração voltada prioritariamente para a solução dos graves problemas sociais de BH, se eleito. Já Renato Rabelo, membro da Comissão Executiva Nacional do PC do B, explicou a postura dos comunistas, que não lançaram candidatos próprios para as próximas eleições municipais, como resposta às necessidades do processo político em curso no país que visa fortalecer um pólo

político progressista para fazer frente à reação e consolidar a democracia brasileira, abrindo caminho para o progresso nas batalhas vindouras, em particular a Assembleia Constituinte.

FILIAÇÕES EM SALVADOR

O PC do B empolgou o grande número de pessoas que diariamente transitam pela Praça da Piedade no coração de Salvador, na Bahia, ao realizar dia 27 sua primeira atividade organizada de filiação pública, promovida pela Comissão Diretora da 7ª Zona. A "Praça da Poesia", como também é conhecida, foi toda decorada com bandeiras, painéis e faixas do partido. Das 17 às 18h30m foi instalada uma grande banca com materiais comunistas, atraindo a atenção dos populares.

Foram feitas 65 filiações, 80% de trabalhadores, entre eles 13 operários. O partido também arrecadou Cr\$ 280 mil com venda de materiais.

O sucesso da manifestação levou o PC do B a programar uma atividade

semelhante por semana nas grandes áreas de concentração de Salvador. As próximas ocorrerão no Relógio de São Pedro, Praça Castro Alves, Praça Municipal, Terminal da Lapa e Terminal da Barroquinha.

OSASCO

Num ato marcadamente operário, com 150 pessoas, foi lançada dia 23 a Comissão Municipal do PC do B em Osasco (SP). Compareceram, entre outros, os secretários municipais de Educação, Saúde e Obras, o presidente da Câmara Municipal, o vice-prefeito, o presidente do PMDB, um vereador do PT, entidades populares e uma delegação do Sindicato dos Metalúrgicos encabeçada pelo presidente da entidade, Antônio Toschi.

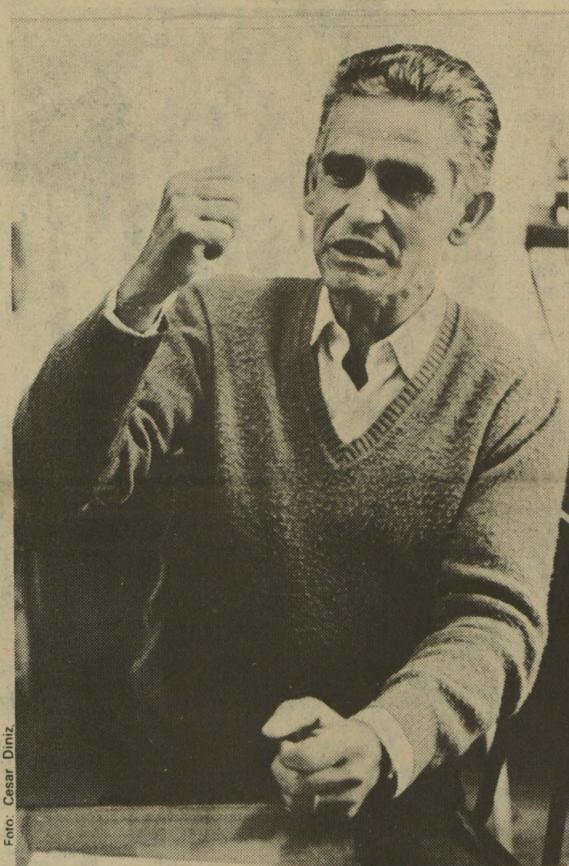
BELÉM

Mais uma sede do PC do B foi inaugurada em Icoaraci, grandioso bairro industrial de Belém, no Pará. Foi uma festa com mais de 200 pessoas, em grande parte operários, realizada na noite do dia 23. Vários trabalhadores filiaram-se ao partido na ocasião. O candidato a vice-prefeito de Belém, Fernando Velasco (PMDB, apoiado pelo PC do B) esteve presente. No bairro estão concentradas as grandes indústrias metalúrgicas e pesqueiras.

MATO GROSSO

Uma animada manifestação, com discursos, filmes, sorteios e um forró que foi até às duas da madrugada, marcou a inauguração da sede do PC do B em Cuiabá no último dia 24. Cerca de 300 pessoas estiveram na nova sede, desde as quatro horas da tarde, discutindo e inclusive ajudando nos últimos arranjos para a festa. A sede foi construída através de um mutirão, com amigos e militantes, num terreno cedido por democratas.

O candidato a prefeito, Dante de Oliveira, do PMDB, apoiado pelos comunistas esteve presente, sendo saudado com entusiasmo. Numa pequena solenidade, falaram dois vereadores do PMDB, inclusive o líder da bancada, o presidente do PMDB em Cuiabá, um líder comunitário, o operário da construção civil, Bié, representando a Comissão Regional do PC do B, e Rogério Lustosa, da Executiva Nacional.



"O povo tem todo direito sobre meu mandato", disse o deputado



"Passo ao Djalma dificuldades maiores que as que enfrentei", desabafa Devanir

"Internismo" é o nome da nova crise do PT

O PT, uma legenda basicamente paulistana, marcha para a eleição de novembro em São Paulo com visível apreensão. "É um desastre, de danos quase irreparáveis, se o Suplicy tiver menos votos do que tivemos em 82" - comentava para a TO o deputado federal Djalma Bonn domingo dia 25, na Pré-Convenção que o escolheu para a presidência regional petista.

Na eleição de 1982 o PT teve 1.458.719 votos contados em todo o país. Destes, 78,4% (1.144.648) vieram do Estado de São Paulo e 38,9% (568.179) da sua capital. Ou seja, de cada cinco eleitores do PT no Brasil, dois estavam neste único município. Não é de estranhar, portanto, a importância vital da eleição paulistana para os petistas.

O problema ganha contornos dramáticos - para o PT - porque a candidatura Eduardo Matarazzo Suplicy para a Prefeitura até hoje não chegou nas ruas. E o pior: na avaliação de Antônio Carlos Dória, presidente do Conselho Político da Capital (a direção municipal do PT), Suplicy penetra menos justamente no eleitorado mais popular que deveria ser (e em 1982, em São Paulo, foi) o forte do PT. Para Dória, "o objetivo é manter o número de votos de 82".

SUP LIC Y IMPRENSADO

O próprio deputado Suplicy, que corre, rema, joga futebol e até luta box com Maguila para manter sua candidatura à tona, naturalmente não assume em público essa avaliação. Porém a luta se polariza a cada dia em São Paulo. De um lado, Jânio Quadros, sob o estandarte do anticomunismo. De outro, Fernando Henrique Cardoso, em nome da Nova República. E o PT fica imprensado no meio.

Suplicy recusa-se a repetir a frase de Lula em 1982, de que "o adversário principal é o PMDB". Mesmo sem dar nome aos bois, diz que "é óbvio" qual seria sua posição se houvesse dois turnos e a luta final fosse entre Fernando Henrique e Jânio. Mas Lula não pensa assim e no encerramento do encontro deu um puxão de

orelha nada sutil (e muito aplaudido) no candidato. "O Eduardo - disse Lula - vai ter que parar de tratar o Fernando com a gentileza com que ele trata..."

FEBRE DE "INTERNISMO"

Curiosamente, na pré-Convenção de São Paulo o centro não foi este e sim a discussão entre as três chapas que se apresentaram, mais uma quarta que ao final desistiu e um número não calculável de subtendências, em torno de questões internas. O PT inclusive já inventou uma palavra nova, usada nos documentos das três chapas, para descrever sua situação atual. Trata-se do "internismo" - a tendência a afundar nos problemas internos enquanto a verdadeira luta política fica do lado de fora.

A febre do "internismo" contagiou o PT. E embora todos o condenem, ninguém mexe em sua causa. A pré-Convenção reafirmou a mesma política conflitante com os interesses e anseios do povo, que deixa o PT na incômoda companhia de Jânio e Maluf, fazendo oposição à Nova República.

O resultado é que "o PT começa a passar por certo pessimismo", como admitiu o próprio Lula. Devanir Ribeiro foi ainda mais franco. "Recebi a presidência do PT de São Paulo num momento difícil para o partido", disse ele, referindo-se ao resultado eleitoral de 1982, para concluir: "E passo agora o cargo ao companheiro Djalma numa situação muito mais difícil do que a minha". Num dos grupos de encontro, um delegado, metalúrgico, repetiu três vezes em seu discurso: "Meu medo é que na próxima reunião tenha dez documentos, dez chapas, e o PT não vai para frente".

Ackel teria favorecido o "rei do contrabando"

Nova revelações sobre as maquinagens do ex-ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel, estão vindo à tona na medida em que prosseguem as investigações sobre sua participação no contrabando de jóias para os EUA. Um matutino de Goiânia denunciou, dia 28, que o ex-ministro também está envolvido com as transações ilícitas de Fahad Jamil George, de Ponta Porã (RS). George é conhecido como o "rei do contrabando", atividade que é (ou foi, durante a Velha República), a especialidade de Abi-Ackel, a julgar pelas denúncias.

Em virtude de suas relações com o "rei do contrabando", o ex-ministro foi alvo de investigações sigilosas em março de 1981, conduzidas, então, pela Superintendência da Polícia Federal de Mato Grosso do Sul. Ele teria favorecido o contrabando de café, soja e minério de urânio extraído clandestinamente em Goiás. As investigações foram, porém,

bloqueadas. Primeiro porque o superintendente regional da PF de MS, que ordenou a apuração, Geraldo Mendes Xavier, morreu dias depois em um desastre aéreo. Seu sucessor, Hugo Soares da Silva, tentou dar continuidade às investigações. Por isto, foi destituído do cargo e transferido para Recife (PE).

Segundo a denúncia, Abi-Ackel era amigo íntimo de Fahad Jamil com quem inclusive passou várias férias e finais de semana, na mansão do "rei do contrabando", em Ponta Porã.

Nos anos de 1979 e 1981, a Polícia Federal desencadeou uma operação denominada "operação café" na fronteira do Brasil com o Paraguai. Os trabalhos eram controlados de Brasília. A divisão da PF de Ponta Porã foi proibida de tomar conhecimento dos planos de ação. Fahad usou a influência de Abi-Ackel para impedir que as investigações chegassem a bom termo e o comércio ilícito fosse descoberto. (da sucursal)

Cintra foi vítima de escuta telefônica

O deputado estadual Benedito Cintra (PMDB - SP) revelou novos elementos capazes de desvendar as tramas de que é vítima, ao depor, dia 28, na Comissão Especial de Inquérito da Assembleia Legislativa (CEI), criada, a pedido do próprio deputado, para apurar a versão divulgada na grande imprensa, visando a sua desmoralização diante da opinião pública.

"Hoje já não existe a estória de que eu estava nu", lembrou o deputado, acrescentando: "Agora estão ten-

tando utilizar a versão de que a investigadora é que estava seminua, o que também é uma mentira". Beatriz Aparecida, por seu turno, depôs no dia anterior e assegurou que estava plenamente vestida durante o plantão que fez na Polícia Civil da Assembleia no último dia 6. Mais que isto, ressaltou que em momento algum esteve naquele dia com as faxineiras Cleonice Conceição e Maria das Dores - esta última a que diz ter visto a investigadora seminua.

Os depoimentos de Cintra

"revelam novos elementos que a CEI ignorava e que explicarão toda a trama de que o deputado foi vítima", segundo o advogado Celso Campos Petrônio, que acompanha as investigações para Benedito Cintra e é da Comissão de Direitos Humanos da OAB.

"Esses elementos consistem principalmente na escuta de um telefonema dado por Cintra de madrugada, escuta que foi feita pela PM, e nas contradições flagrantes e insustentáveis existentes nos depoimentos das faxineiras", destaca o

advogado. Cintra explicou que, na noite do dia 5, telefonou do restaurante Gigeto, na Bela Vista, para a Assembleia a fim de comunicar-se com a investigadora (de quem necessitava receber, com urgência, documentos e informações sobre problemas de segurança pública). O telefone foi atendido pela PM, que controla o PABX da Assembleia durante a noite. O deputado se identificou e pediu o número do telefone da Polícia Civil, sendo atendido.

A faxineira Maria das Dores, por outro lado, assegurou que ouviu Cintra comunicar-se com a investigadora pelo telefone interno na madrugada do dia 6, mas no 2º andar na Assembleia (chegou mesmo a descrever em pormenores onde o deputado "se encontrava" - segundo ela numa sala de um deputado do PTB). Cintra confirma o telefonema, que fez, contudo, do seu gabinete, situado no 3º andar. Esta é apenas uma das contradições que apontam no sentido de uma escuta clandestina feita por elementos da PM, cujo chefe na Assembleia também promoveu um relatório secreto e ilegal sobre o caso, o que motivou sua destituição do cargo. As faxineiras serão acareadas a partir de terça-feira. "Não tenho dúvidas", disse Celso Petrônio, "que a trama será desvendada".



A trama armada contra Benedito Cintra poderá ser desvendada com a acareação dos depoentes

PMDB-RS quer suspensão do pagamento da dívida

O PMDB gaúcho realizou dia 25 uma Convenção Regional Extraordinária para discutir a eleição do novo Diretório e analisar a situação política do país. Na ocasião foi aprovada a posição dos peemedebistas pela realização de uma campanha nacional a favor da suspensão do pagamento da dívida externa por um período de cinco anos. O secretário geral do partido, Waldir Walter, destacou que a solução do problema da dívida "caminha neste ritmo, pois atualmente 12 bilhões de dólares se evaporam a cada ano, com o dia 1º de julho

Neves, tirando o pão da boca do povo brasileiro". O ministro da Agricultura, Pedro Simon, discursou criticando os que combatem a Nova República e ressaltou que o povo brasileiro não dá respaldo a essas visões equivocadas. Lembrou, ao mesmo tempo, que o apoio do PMDB ao governo não é o mesmo dos tempos do PDS, que dizia sim a tudo que os generais faziam, mas incluiu a crítica quando for justa e necessária. A convenção marcou um grande avanço do PMDB no Estado, segundo as avaliações dos próprios membros do partido.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O povo não tolera tortura

Como faz todos os anos, o Exército comemorou festivamente o Dia do Soldado no último 25 de agosto. Ordens do dia em geral pouco inspiradas tecem elogios incalculáveis ao Patrono do Exército e repetem que é preciso estudar o seu exemplo para educar as Forças Armadas. Mas estranhamente, na mesma semana, os militares fizeram um tremendo alarido para dizer que não serve à democracia lembrar o exemplo de outro oficial, o coronel Brilhante Ustra.

ESTUDAR HISTÓRIA

Por que será que Caxias educa e Ustra não educa? Sem entrar no mérito das "virtudes" do Duque de Caxias, em geral muito mal contadas pela historiografia oficial, o estudo de sua época e de suas atividades são importantes para elevar a consciência do povo. Da mesma forma, analisar o período negro da ditadura e apontar os crimes de lesa-humanidade do torturador Ustra também é essencial para formar a opinião pública democrática. Ainda mais quando os próprios chefes deste carrasco declaram que ele apenas "cumpru ordens" para garantir a "segurança nacional".

Depois da Segunda Guerra Mundial, os crimes nazistas horrorizaram o mundo. A tal ponto que os aliados organizaram o grande Tribunal de Nuremberg para julgar os principais responsáveis pelos massacres. Esta era uma medida não de vingança mas de educação para prevenir outras catástrofes desta envergadura. Não se trata apenas de condenar homens, mas todo um sistema que permitiu tais barbaridades. Hoje sabe-se que mesmo neste Juri Internacional a burguesia, temendo que a condenação do nazismo se revelasse como condenação do próprio capitalismo, manobrou para reduzir o alcance dos crimes em questão.

TORTURA NÃO SE ESQUECE

No Brasil, muitas coisas praticadas pelos generais fariam inveja a Adolf Hitler. Ao proteger Ustra, que é codificado que protegeram também um "Didi Pedalada" que era pouco mais que um moleque de recados e dedo-duro (ajudou no seqüestro de Lilian Celiberti), a cúpula militar defende o regime ditatorial - e os privilégios alcançados pela alta oficialidade neste período - assim como trata de impedir a construção da Nova República como um novo sistema de governar, de conteúdo democrático.

Dizem os generais que houve a anistia. É certo, mas houve anistia política. A tortura não é um "delito" político. É um crime contra a humanidade e não apenas um combate contra tal ou qual sistema político. Foi realizada, é claro, na desatinada tentativa da burguesia de proteger o capitalismo. Mas extrapolou esta medida para uma qualidade diferente, que atinge o gênero humano em geral. Para tais monstruosidades, não há lei e não há ninguém em condições de anistiar. É uma farsa pretender tratar o massacre de pessoas impotentes, amarradas no pau-de-arara, ou de crianças para obrigar seus pais a falarem o que os inquisidores desejam, como coisas que o povo pode esquecer. Onde esta gente estiver será desmascarada e repudiada por todos os democratas.

JULGAR E MUDAR

Ao julgar que tais brutalidades foram praticadas por ordens superiores, os generais apenas revelam a necessidade, mais urgente, de se apurar rigorosamente todos os fatos e descobrir para a nação os mandantes, e puni-los como exigência inapelável da História. Pelos gritos furiosos que se ouviram diante do episódio do coronel Ustra, fica evidente que para cumprir esta tarefa será indispensável uma ampla e sólida união de todas as forças interessadas nas mudanças. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Ambição de Brizola

Leonel Brizola depois que se tornou amigo do general Azevedo, todo o dia tem que provar a sua adesão às "nova ideias". Primeiro condenou a apuração do caso Baumgarten. Depois manifestou-se contra o Plano de Reforma Agrária. Agora, com a demissão do representante de Delfim Netto na Nova República, Francisco Dornelles, o governador do Rio de Janeiro tratou de sair em sua defesa. "Está caracterizado o afastamento da Aliança Democrática e do governo federal da linha política traçada por Tancredo Neves", disse o líder do PDT. E logo acrescentou que o episódio mostra o "isolamento" do presidente José Sarney.

Pelo contrário, o afastamento do representante da velha política atrelada ao FMI aproxima a Nova República do caminho de mudanças e abre a possibilidade real do país deixar de "pagar a dívida com a fome do povo". Neste sentido é um reforço da orientação que levou Tancredo a encabeçar um amplo movimento de massas em plano nacional. E mostra um fortalecimento de Sarney, que tem agora melhores condições para enfrentar as pressões dos banqueiros internacionais e com isto aproximar-se mais do povo.

Quem se isola, e se distancia cada vez mais da linha preconizada por Tancredo, é Brizola, movido pela ambição de chegar à Presidência.

As mulheres erguem a voz

Este ano de 1985 é histórico para as mulheres de todo o mundo. Ele marca o encerramento da Década da Mulher, instituída pelas Nações Unidas. Período que, embora deixe muito a desejar, representou muitos avanços e conquistas para as mulheres. A Década da Mulher culminou com a Conferência Internacional de Nairobi, no início de agosto, quando uma das principais conclusões a que chegaram representantes de mais de 150 países é que, na medida em que as mulheres avançam, é toda a sociedade que se beneficia dessa luta.

A elaboração do projeto de lei, votado pelo Congresso, foi feita por uma comissão supra-partidária de mulheres parlamentares. Entretanto, o Conselho Deliberativo que será composto por 17 membros efetivos e três suplentes, terá obrigatoriamente de contar com representantes dos diversos movimentos autônomos e de todas as tendências políticas, para que ele realmente espelhe e encaminhe as lutas reais dos diversos setores da sociedade. Temos que lutar para ver traduzidos no Conselho a força política que hoje constitui as União de Mulheres e todos os movimentos, política já atingida por grande parcela das mulheres brasileiras.

Entretanto, não é pelo fato de existir o Conselho que os problemas das mulheres estarão resolvidos. É necessário continuar estimulando a criação e continuidade dos movimentos autônomos, pois será inclusive através deles que as reivindicações serão encaminhadas ao Conselho, exercendo também uma forma de pressão para que estas reivindicações sejam cumpridas.

O movimento feminino obteve importantes vitórias desde a anistia

Por ser um órgão governamental, o Conselho é de certa forma limitado e a maneira de torná-lo mais avançado é jogar peso na sua representatividade. Dessa forma, ele será um instrumento capaz de criar, como determina seu objetivo, políticas que visem eliminar as injustiças sobre a mulher no trabalho, na escola, no lar, na sociedade enfim. A aplicação desta orientação deve garantir maior liberdade e melhores condições de participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais do país, visando a efetiva igualdade de direitos.

Concretamente, neste início de trabalho, o CNDM trabalhará prioritariamente em três questões básicas: a luta contra a violência, a favor da implantação de creches por todo o país e pela elaboração da Constituinte livre e soberana. Neste último particular, temos que estar atentas, procurando a participação das mulheres notadamente na elaboração das leis que mais lhes dizem respeito em áreas como a educação, saúde, mercado de trabalho, Código Civil, dentre outras. O conselho pode ser um instrumento útil para o encaminhamento dessa discussão aos diversos Estados, contribuindo de forma prática para a efetivação de uma grande mobilização nacional das mulheres em torno da Constituinte.

Nesta longa trajetória das mulheres, nos últimos anos, não podemos esquecer a importância de sua participação na luta contra a carestia, as campanhas das diretas e pela consolidação da Aliança Democrática, que resultou na eleição de Tancredo Neves, pelo Colégio Eleitoral.

No bojo dessas lutas, em outubro de 1984, no seminário "Mulher e Política", algo em torno de 600 mulheres de todo país reivindicaram, em São Paulo, a criação de um Conselho Nacional da Condição Feminina, que seria um instrumento voltado exclusivamente para a problemática da mulher. Ainda em 1984, no representativo Encontro Nacional das Mulheres do PMDB, "Mu-



Mais de 1.500 mulheres no Encontro de Curitiba exigiram a criação do Conselho

lher, Mobilização e Mudanças", realizado em Curitiba, uma das conclusões mais importantes a que chegaram as 1.500 mulheres presentes foi a importância da criação do Conselho, órgão governamental capaz de encaminhar institucionalmente as reivindicações das mulheres brasileiras.

A discussão se ampliou até maio deste ano, quando o presidente José Sarney assinou um decreto constituindo uma comissão especial incumbida de elaborar um ante-projeto de lei criando o Conselho. A comissão foi presidida pela deputada paulista Ruth Escobar, e integrada por parlamentares de todos os partidos políticos. O ante-projeto de lei foi transformado em projeto de lei nº 5778 e tramitou em caráter de urgência pelas duas Casas (Câmara e Senado), sendo finalmente aprovado. O próximo passo será a nomeação pelo presidente da República das pessoas que integrarão o Conselho Deliberativo.

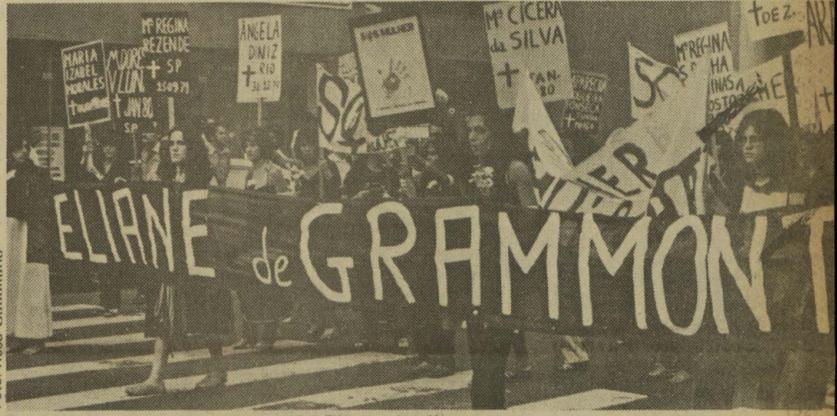
A Nova República tem o compromisso de valorizar a atuação da mulher

De acordo com o projeto aprovado, o Conselho será vinculado ao Ministério da Justiça, com autonomia financeira e administrativa. Ele será composto, além do Conselho Deliberativo, por uma assessoria técnica e uma secretaria executiva, competindo-lhe: formular diretrizes e promover políticas em todos os níveis da administração pública, direta ou indireta, visando a eliminação das discriminações que atingem a mulher.

Além disso, será da competência do CNDM prestar assessoria ao Poder Executivo emitindo pareceres e acompanhando projetos que digam respeito à mulher, promover debates e estudos sobre a condição da mulher brasileira, sugerir a elaboração de projetos de lei que visem eliminar discriminações a que são submetidas as mulheres, fiscalizar e exigir o cumprimento da legislação que assegure os direitos das mulheres dentre outras atribuições.

Ao encaminhar o projeto para o Congresso Nacional, a comissão criada para examiná-lo, no Ministério da Justiça, justificou que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher representa o compromisso da Nova República em promover medidas eficazes, ten-

No Brasil, a maior conquista neste período se materializou com a Criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM. Ele vem atender as reivindicações de diversos movimentos de mulheres do país, e o cumprimento, por parte do Legislativo e do governo, das promessas feitas ao povo nos palanques na campanha que derrotou o autoritarismo e o regime militar dos últimos anos.



Protesto contra o assassinato de Eliana de Grammont, nas ruas de São Paulo

dentes a valorizar a atuação da mulher em todos os campos da sociedade brasileira.

Quando tramitou pela Comissão de Constituição e Justiça, já no Congresso, uma vez que nossa Carta Política define a igualdade de todos perante a lei, sem discriminação de sexo, foi argumentado que o Conselho também era um órgão que fortalecerá o sistema social brasileiro e atuará, decisivamente, no aperfeiçoamento de nossas instituições políticas, econômicas e sociais.

No Piauí 39,4% das mulheres vítimas da esterelização têm menos de 30 anos

Nestes últimos 10 anos, embora deixem ainda muito a desejar, as mulheres brasileiras obtiveram grandes conquistas. As votantes femininas, que em 1975 representavam 35% do universo do eleitorado, hoje representam 46%, totalizando 26 milhões de eleitoras. Enquanto que, no ano de 1974, apenas uma mulher conseguia se eleger deputada, nas últimas eleições este número saltou para oito. Entretanto a participação da mulher na direção dos partidos políticos ainda é insignificante. Em 1981, por exemplo, haviam apenas duas mulheres suplentes na direção nacional do PMDB, três titulares e uma suplente no PDT, cinco titulares e duas suplentes no PT e uma titular e uma suplente no PDS.

Na área de Direito Civil, as lutas culminaram na promulgação da Lei do Divórcio em 1977 e na elaboração do novo Estatuto Civil da Mulher, incorporado ao projeto do novo Código Civil, atualmente tramitando no Senado Federal. Era contrapartida de avanços as tentativas de mudan-

ças na Lei do Aborto, projeto da deputada Cristina Tavares (PMDB-PE). O Congresso rejeitou também a proposta da deputada Lúcia Arruda, do PT do Rio de Janeiro, que propunha a obrigatoriedade do atendimento médico pela rede estadual de serviços de saúde, nos casos de aborto.

No campo de saúde, nossa luta ainda se arrasta. Em 1981, por exemplo, três quartos das parturientes tiveram assistência pré-natal. No Piauí, 39,4% das mulheres esterelizadas tinham idade abaixo de 30 anos. Soma-se a estas espantosas estatísticas, o fato de que a pílula anticoncepcional é distribuída de forma aleatória, sem nenhum critério de avaliação da saúde das mulheres.

Também no campo do trabalho, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), não passou por nenhuma transformação, mas as lutas dentro das fábricas, indústrias, supermercados, lojas de departamentos, dentre outras, têm apresentado vitórias nos acordos entre patrões e empregados no que diz respeito às discriminações específicas sofridas pelas mulheres nestes locais.

Quanto à participação da mulher na força de trabalho, ela tem evoluído de forma significativa nos últimos anos, embora os salários ainda sejam diferentes para tarefas iguais. Isto é, embora desempenhando a mesma função, as mulheres ganham salários inferiores aos dos homens. Um outro dado de igual importância é que na faixa dos trabalhadores que recebem salários abaixo de dois mínimos, se encontram 59,2% de mulheres para 55,7% de homens. Na década de 20, 1,5 milhão de mulheres participavam da força de trabalho; em 1983 este número havia saltado para 10 milhões, tornando-se uma participação

feminina no mercado de trabalho de 32%.

A violência é ainda a principal marca da discriminação do sexo feminino

Todos esses avanços, entretanto, ainda não foram suficientes para colocar a mulher em pé de igualdade com os seus companheiros, persistindo a discriminação cuja principal característica é marcada pela violência, a qual ela é submetida todos os dias, através de espancamentos, estupro e violações dos seus direitos mais fundamentais.

Vemos no recém-criado Conselho Nacional dos Direitos da Mulher um canal para encaminhamento de nossas lutas. É necessário, portanto, agora que o Conselho está criado, que os diversos movimentos de mulheres se mobilizem no sentido de apresentarem propostas concretas para elaboração das diversas políticas que serão abraçadas pelo Conselho Nacional.

Em todos esses anos reconhecemos que se os avanços não foram tão grandes como pretendíamos, a mulher adquiriu maior consciência da sua condição feminina. Hoje ela está se organizando nas fábricas, escolas, sindicatos, nos locais de moradia e nas associações autônomas de mulheres. Todos estes movimentos devem se mobilizar para se fazerem representar no Conselho Deliberativo que será nomeado brevemente pelo presidente José Sarney. Através dele temos condições de abrir novos espaços e obter importantes conquistas dentro da luta geral pela emancipação feminina (Nair Barbosa Guedes - Coordenadora Nacional do PMDB-Mulher e membro do Movimento de Mulheres de Minas Gerais)

Ato pela Reforma Agrária reúne 12 mil camponeses em Registro

Doze mil trabalhadores rurais, posseiros e pequenos proprietários, procedentes dos doze municípios que compõem a região do Vale do Ribeira, interior de São Paulo, reuniram-se na cidade de Registro, dia 25, para participar da maior concentração pela reforma agrária desde o lançamento do projeto de governo da Nova República.

Os camponeses chegaram ao local de trem, ônibus, caminhão e a pé, mobilizados pelos sindicatos rurais, apoiados pelas prefeituras e pelo governo do Estado. A presença de representantes de vários sindicatos urbanos, de sindicatos rurais de outras regiões de São Paulo e até do presidente do STR de Poranga, Ceará, (ver matéria abaixo) encheu de entusiasmo os presentes.

A programação da manifestação foi iniciada logo na arte da manhã com a apresentação de conjuntos de música sertaneja e prosseguiu pela tarde com o depoimento dos presidentes e líderes dos camponeses, terminando com palavras aos convidados, principalmente prefeitos, deputados e representantes de entidades que apoiaram a manifestação.

ESPÍRITO DE LUTA

Os trabalhadores rurais e posseiros estavam dispostos a fazer uma manifestação combativa. Muitos chegaram de madrugada, dormindo no pró-



Os lavradores - após viajarem de trem, ônibus, caminhão ou a pé - chegaram entusiasmados ao ato

prio local. O trem da Fepasa que conduziria 1500 trabalhadores das cidades vizinhas ao local do Encontro foi obrigado a fazer duas viagens, completamente lotado. José Fernandes, presidente do Sindicato de Sete Barras, contou que levou semanas convencendo os companheiros, rua por rua, casa por casa, fazenda por fazenda. Aos gritos de "Reforma Agrária Já", todos acompanhavam atentamente as denúncias das lideranças sobre a situação dos trabalhadores, assassinatos de posseiros e intensificação da violência na luta pela terra.

O deputado Rubens Lara (PMDB), que acompanha há

anos a luta na região, disse que confiava na realização de um grande encontro, mas a proporção o surpreendeu. Bastante aplaudido, o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Eustáquio Vital, conclamou à união de operários e camponeses e disse do interesse dos trabalhadores da cidade na conquista da reforma agrária.

REENCONTRO DE COMBATENTES

A gigantesca concentração do Vale do Ribeira não aconteceu, porém, por obra do acaso. A região, por sua pobreza e graves conflitos de

terra, é muito comparada ao Nordeste do Brasil. Nada por lá se assemelha à agricultura extensiva de alta incrementação tecnológica praticada na maioria do Estado. Banana, chá e palmito constituem seus principais produtos, além da agricultura de subsistência.

O encontro, além do sentido de união e ânimo que deu aos que dele participaram, proporcionou ainda o reencontro de velhos combatentes, que por lá continuaram durante os tempos tenebrosos da ditadura dos generais.

Tomado de alegria e palavras fraternas, Bento Lopes, desde 1951 militante do Par-

tido Comunista do Brasil, morador de Jacupiranga, apresentava a seus camaradas o "companheiro" Manuel Peres, o conhecido *Festinha*, no PC do Brasil desde 1945, participando da primeira concentração camponesa nos últimos 21 anos. Ao lado de *Festinha*, sua esposa contava como tinham "livrado muitos companheiros". "Que bonito, camarada", dizia *Festinha* a camaradas ou não que encontrava pela frente.

FORÇAS DE MUDANÇA

Mobilizados por seus sindicatos, os trabalhadores rurais e posseiros do Vale do Ribeira contaram, também, com apoio de forças democráticas para a exitosa manifestação. Desde o governo do Estado de São Paulo, passando pelas prefeituras, deputados, vereadores, organizações da igreja e partidos políticos, todos contribuíram de forma unitária, para a vitoriosa concentração.

Destoou o oportunismo golpista de elementos ligados ao chamado Partido Comunista Brasileiro (PCB), que tentaram cercear a participação, principalmente dos sindicatos urbanos - enfraquecendo, dessa forma a solidariedade aos trabalhadores rurais - e dos partidos políticos, que sequer foram convidados para tomar assento à mesa.

Ao final do Encontro, no entanto, o sentimento era de satisfação pelos objetivos alcançados.

Gaúchos nas ruas exigem a posse da terra



Agricultores lotam a Assembléia: querem direito ao Inamps e à terra

Os agricultores gaúchos estão realizando desde o dia 19 de agosto manifestações diárias em frente à sede do Inamps, em Porto Alegre. Estes atos, liderados pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag), reivindicam melhorias no atendimento previdenciário para o homem do campo e que o plano de Reforma Agrária do governo seja colocado em execução sem mais demora. Ao mesmo tempo são realizadas passeatas pelas ruas centrais da capital gaúcha e atos políticos na Assembléia Legislativa.

Diariamente chegam a Porto Alegre agricultores vindos de uma das regionais da Fetag, que se encarregam de fazer a mobilização daquele dia. Este trabalho já resultou em avanços. Com o Inamps ficou acertado que o trabalhador rural poderá ser atendido em qualquer hospital conveniado sem despesas de internações. Na questão do atendimento ambulatorial,

da aposentadoria do homem do campo e dos direitos da mulher camponesa ainda não se chegou a um acordo.

REFORMA AGRÁRIA JÁ

Outra exigência dos agricultores e da Fetag é que não seja adiada por mais tempo a implantação da reforma agrária. As manifestações diárias têm mostrado que os camponeses estão atentos às manobras dos latifundiários. Eles também têm claro que este plano do governo é apenas um começo, ainda tímido para a solução da questão agrária no país. Para o presidente da Fetag, Ezídio Pinheiro, "o plano de reforma agrária do governo não resolve os problemas do campo, mas toma alguma medida neste sentido". E acrescenta: "O governo não pode mais adiar a implantação do plano, não pode ceder à pressão dos latifundiários e por isso também é que estamos realizando manifestações para apoiar esta iniciativa". (da sucursal)

"Devemos lutar para que todos tenham terra"

O jovem Raimundo Chaves, hoje com 21 anos, desde o passado é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Poranga, no Ceará. Filiou-se à União da Juventude Socialista (UJS) quando tomou contato com ela durante o 4º Congresso da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Conag), tomando parte dos debates. No final de agosto esteve em São Paulo a convite da UJS, onde participou de seminários, debates e da concentração pela Reforma Agrária em Registro. Antes de retornar ao Ceará, falou à Tribuna Operária.

TO - Como pode um jovem de 20 anos chegar à presidência de um Sindicato, quando sabe que a média de idade dos dirigentes sindicais no campo é superior a 35 anos?
Raimundo - Fazendo-se respeitado, com argumentos próprios, no meio em que atua e mostrando-se responsável, de luta, digno de responsabilidade que aquele que confia nele não se arrepende.

e tornando-se popular entre seus companheiros, o jovem do campo, aos 20 anos, já pode assumir essa responsabilidade.

TO - Quais os principais problemas enfrentados pela juventude no campo?

Raimundo - Os principais problemas da juventude no meio rural estão relacionados, sobretudo, com aquilo com que convivem, ou seja: recursos financeiros para fazer sua moradia, preocupação com o amor à pessoa de quem ele gosta, desejo de evoluir, aprender, saber ler, ter conhecimento e ser importante quanto o jovem da cidade. Pensa também em constituir família, mas sabe que só será importante se aprender, apurar o conhecimento.

TO - Como anda a cultura sertaneja, a música por exemplo?

Raimundo - A música sertaneja tem uma sabedoria que não vem das escolas do sistema, mas da escola do sertão, do trabalho no roçado, do aboio do vaqueiro, das coisas sertanejas e do que tem

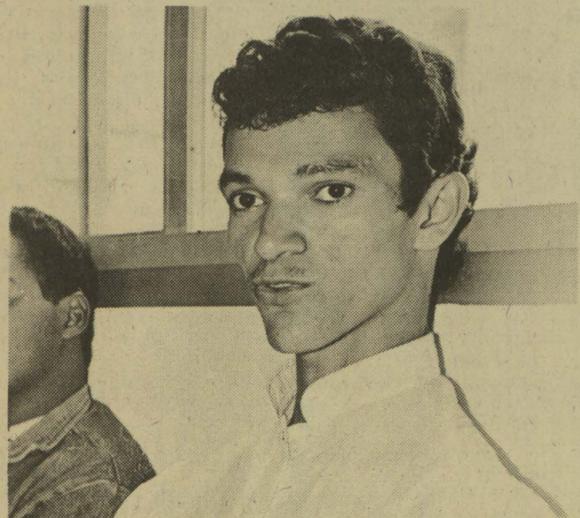
destaque em sua vida.

TO - Como caminha em Poranga a luta pela reforma agrária?

Raimundo - O jovem sente desejo de ver sua família, pais, irmãos, em condições dignas de sobrevivência moral, financeira etc. E quando esse desejo aparece surge apenas uma solução: lutar para que todos tenham terra, através da reforma agrária massiva, imediata e antilatifundiária, e que o próprio trabalhador rural determine-a.

TO - Por que você se posicionou pelo socialismo e filiou-se à UJS?

Raimundo - Na minha condição de jovem, achei que devia buscar uma realidade mais além, que dissesse respeito ao país e à juventude. Durante o 4º Congresso dos Trabalhadores Rurais, em Brasília, achava-se presente a UJS, na pessoa do jovem coordenador Adalberto. Naquele momento achei que teria encontrado o que precisa acontecer no Brasil, ou seja, lutar por um Brasil socialista.



Raimundo: de "olho vivo nos patrões"

TO - Como é o dia-a-dia na atividade do seu Sindicato?

Raimundo - Quando o movimento sindical rural não enfrenta um acontecimento importante como o do momento, relacionado com a necessidade de se ter uma reforma agrária, a atividade acha-se mais em torno da

diretoria, diálogo com os trabalhadores, pequenos problemas relacionados à terra - que os trabalhadores chamam de "questão" - viagens para outras cidades para tratar assuntos do sindicato e olho vivo nos patrões.

(Entrevista: João Rebelo, Fundação Maurício Grabois)

"Só a mobilização popular garante a reforma agrária"

"Frente à investida furiosa dos latifundiários, a mobilização popular é a única forma segura de garantir a aplicação imediata do Plano Nacional de Reforma agrária do governo Sarney". A opinião é do diretor regional do Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) de São Paulo, José Eli Veiga - um dos debatedores no seminário sobre a Nova República e a Questão Agrária realizado neste final de semana na Câmara Municipal de São Paulo. O seminário, promovido pelo Centro de Estudos e Pesquisas Sociais (CEPS) e pelo Centro de Estudos Sindicais (CES), contou com a presença de sindicalistas rurais e ativistas envolvidos com a luta no campo.

Houve consenso entre todos os palestristas sobre a necessidade da pressão do movimento sindical urbano e rural, que até agora ainda tem sido tímida. Jair Borin, assessor do presidente do Inbra, José Gomes da Silva, ressaltou que o governo está disposto a aplicar o plano de distribuição de terras e que "não recuará de sua determinação de fazer a reforma agrária". Já Ronald Freitas, dirigente nacional do PC do B, após ressaltar que a crise agrária brasileira é um problema estrutural e que exige mudanças radicais na sociedade para ser resolvida, observou que a reação dos latifundiários é política e terrorista. "O plano do governo é modesto, tímido, e os grandes proprietários sabem disso. Mas o medo deles é que o plano desencadeie uma forte mobilização camponesa que coloque em xeque o latifúndio e resulte numa verdadeira reforma agrária".

Posseiros são despejados e fazem acampamento em GO

Vítimas da grilagem, 56 famílias de posseiros estão acampadas numa ponta de rua no município de Goiás, após terem sido despejadas por duas vezes das terras que ocupavam, conhecidas como Fazenda Mosquito. O grupo resolveu, no dia 12 de maio, ocupar uma área de terra improdutiva e devoluta no município de Goiás, a Fazenda Mosquito. A área passou a ser reivindicada por um fazendeiro, Urbano Berquó, que conseguiu, apelando para a Justiça e a força policial, desalojar os posseiros.

No momento o Inbra está concluindo um relatório para verificar a extensão da área e se ela pertence ao Estado ou a particulares. Os posseiros aguardam decisão desse órgão para dar passos concretos em sua atuação.

Para o posseiro Damásio Rodrigues da Silva, "o trabalhador do campo quando vem para a cidade é igual a peixe fora d'água, morre mesmo". Por isso ele e seus companheiros querem a terra para trabalhar. Índio, outro posseiro, participou da passeata que houve em Goiânia, no lançamento do Comitê da Reforma Agrária, e afirma: "Nós pretendemos retornar à terra e a nossa disposição é a nossa união. Enquanto existir união nós vamos lutar pela terra". Milton Duarte da Costa, também posseiro, queixa-se da Justiça, que "só serve aos ricos. Tanto é verdade que uma mentira de fazendeiro triunfou sobre a verdade de 56 posseiros". (Francisco Messias, da sucursal)

Dois mil jovens no ato de lançamento da UJS em Chapecó

A União da Juventude Socialista foi lançada em Chapecó (90 mil habitantes), no oeste catarinense, no dia 23, com um grande show na praça central da cidade. Durante várias horas dois mil jovens assistiram apresentações musicais variadas de artistas locais e áreas próximas.

No dia seguinte, à tarde, cerca de 200 jovens elegeram a coordenação municipal da UJS. Estiveram presentes os Sindicatos dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação, Bancários, Engenheiros, Motoristas, Médicos, DCE e UMES, e vice-prefeito, deputado estadual (PMDB) Irair Filho, deputado federal (PMDB) Dirceu Carneiro, PDT, PC do B e PMDB, além de Magda Duarte, coordenadora geral da UJS em Santa Catarina.

O encontro estabeleceu a formação de núcleos no bairro da Bela Vista e nas cidades vizinhas de Xanxerê, Palma Sola, Xaxim e São Miguel do Oeste. O número de filiados deverá ser ampliado: dos 700 que existem atualmente para dois mil brevemente.

GUARATINGUETÁ

Com a presença de vereadores do PMDB, Sociedades Amigos de Bairros, PC do B e UPES, foi lançada a Coordenação Municipal da UJS em Guaratinguetá, interior de São Paulo. Trinta jovens compareceram ao ato do dia 24, onde houve apresentação de dois grupos musicais da cidade, leitura de poesias e exposição de artes plásticas. Cleonice Chaves, coordenadora Estadual esteve presente. A Apolinária Rebelo, coord. de imprensa da UJS.

Metalúrgicos falam em greve

Na sexta-feira, dia 30, os metalúrgicos da capital paulista realizam a primeira assembleia da campanha salarial deste ano - que tem data-base em 1º de novembro. A batalha promete ser dura, com o patronato ameaçando retirar o reajuste trimestral da categoria e os dirigentes sindicais dando como inevitável uma greve dos 330 mil operários da base.

Nas últimas semanas o Sindicato dos Metalúrgicos vive dias conturbados, com a intensa preparação da campanha salarial. "Ainda estamos no início da campanha, mas já dá para notar que a coisa vai pegar fogo", comenta Elísio da Rocha, assessor sindical na Zona Norte. Segundo ele, "a receptividade nas fábricas é muito boa. Mesmo em empresas pouco mobilizadas, como na Acoplex, com 300 operários, todos param para participar da assembleia, atrasando a entrada na firma. Isto serve como termômetro, indica que a temperatura vai esquentar".

Eustáquio Vital, diretor do Sindicato, também está otimista com a mobilização da sua classe. "Temos feito assembleias em várias fábricas da Zona Sul, na Sharp, La Font, Pirelli, Metal Leve, e é grande o descontentamento do pessoal. A participação tem aumentado a cada dia. Na reunião da Pirelli, com 400 funcionários, mais de 100 participaram". Segundo informa, trabalhadores de várias firmas têm tomado iniciativas próprias para participar da luta: passam listas de assinaturas para solicitar ônibus para a assembleia, fazem faixas com as reivindicações principais e formam núcleos de mobilização - como na La Font e Metal Leve.

Há duas semanas atrás mais de 500 ativistas participaram de uma reunião na sede-escola da entidade, formulando uma proposta inicial de pauta de reivindicação, que agora será submetida a assembleia. No encontro ficou patente a disposição de realizar uma grande paralisação da categoria.



Sindicato presente nas portas das fábricas mobilizando a categoria para a grande batalha salarial

Entre os dirigentes sindicais impera a certeza de que os empresários endurecerão nesta campanha salarial. Vários patrões têm falado que o lema da Fiesp (entidade patronal) este ano é "não ceder nada". Eles pretendem investir contra o reajuste trimestral de salários, conquistado na campanha do ano passado pela categoria.

AMEAÇA AO TRIMESTRAL

Segundo César Concone, técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas), a preocupação dos metalúrgicos tem fundamento. "Os empresários endurecerão nestas negociações, atacando principalmente a trimestralidade. A desculpa é que o governo não aceita repassar o trimestral para o preço dos produtos", afirma.

Outro indicativo da intransigência foi a luta salarial dos metalúrgicos do interior e ABC paulista, com os patrões demitindo milhares de lideranças e recusando-se a ceder o trimestral. Luís Antônio, vice-presidente do Sindicato, ainda acrescenta a tutelagem do regime militar, que intervinha em Sindicatos, jogava a polícia contra os grevistas, ameaçava. Eles querem substituir esses métodos com a

repressão nas firmas".

Mas são os fatos concretos recentes que deixam mais evidente a disposição das empresas. Nos vários setores da capital os patrões têm promovido ameaças, tendo como alvo principal as lideranças da classe. Só no mês de agosto foram demitidos ilegalmente os membros de três comissões de fábrica - Asama, Barbára e Colúmbia.

Outro alvo são os cipeiros (membros das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes), que são importante instrumento de organização no interior das fábricas. Na Sharp, em Santo Amaro, os patrões modificaram as cédulas de votação da Cipa só para impedir a eleição de operários mais combativos. Truque semelhante foi usado pela Villares. Já na Philco, de propriedade da Ford, o gerente de Relações Industriais foi enfático ao afirmar que a matriz não permitiria a organização dos trabalhadores. "É mais fácil a Ford fechar a unidade da Philco do que permitir a formação de uma comissão de fábrica", vociferou o agente da multinacional.

GREVE INEVITÁVEL

"Se não fizermos uma greve que pare todas as fábricas teremos um

péssimo acordo salarial, com o fim do trimestral, e a categoria ficará frustrada", prevê Luís Antônio. Para evitar esse desastre o Sindicato tem tomado medidas concretas no sentido de preparar a deflagração do movimento paralisista. Além da reunião das 500 lideranças e dos inúmeros encontros por setor, já está deliberado que será constituída uma comissão de mobilização - diferentes anos anteriores ficando o trabalho de mobilização ficava a cargo apenas de diretores e ativistas dispersos.

A diretoria do Sindicato não pretende marcar precipitadamente a paralisação, afinal as negociações ainda nem começaram e levarão dois meses. Mas há consenso entre os dirigentes da entidade sobre a sua necessidade. Joaquim Andrade, presidente do Sindicato, calcula que "a greve é quase inevitável". Desta vez, garantem os dirigentes sindicais, a greve não será apenas preparada, mas deflagrada. "Não podemos falar em greve e depois aceitar um acordo salarial pouco vantajoso. A categoria necessita de uma greve geral, quer testar suas forças. Se arrancarmos um bom acordo com luta, o nosso Sindicato dará um salto de qualidade", comenta Luís Antônio.



Os servidores em passeata até a USOF

Servidores param a Universidade de Ouro Preto

Os servidores da Universidade Federal de Ouro Preto (USOF) estão em greve desde terça-feira, dia 20. Os trabalhadores levantaram uma pauta de reivindicações, não acatada pelo Ministério da Educação (MEC), que inclui a exigência de reajuste salarial de 156% (formulado com base em estudos do Dieese sobre perdas salariais da categoria), trimestralidade e outros itens relacionados com a melhoria do nível de trabalho, democratização das estruturas universitárias etc.

Na assembleia que decidiu pela greve, o operário do setor de obras da USOF, Hilton Rodrigues, disse: "Estamos em greve não porque queremos, mas porque a situação está insustentável. Ganho Cr\$ 460 mil e tenho cinco filhos, dois na escola. E tenho colegas aqui que têm mais filhos que eu ganhando o mesmo salário. Não somos cupados pela dívida do país, ninguém nos consultou para fazê-la. A greve é geral e estamos unidos". Na saída da assembleia foi organizada uma manifestação de protesto pelas ruas até a Reitoria da Universidade, sendo o Comando de Greve recebido pelo reitor, que garantiu a normalidade do pagamento dos servidores no mês de agosto. O movimento ganhou força com adesão dos vigilantes. O ânimo é grande. (Francô Paraíba, de Ouro Preto)

Bancários elegem Sindicato de luta no Espírito Santo

Os bancários do Espírito Santo precisaram de duas votações para livrar seu Sindicato de um grupo de pelegos e elementos atrasados que ocupava a entidade desde 1964. A chapa 2, liderada pelo combativo sindicalista João Amorim Coutinho, que no primeiro escrutínio venceu a eleição na Grande Vitória mas não atingiu o quórum, devido à anulação dos votos do interior, conseguiu a vitória definitiva no segundo escrutínio.

Na votação transcorrida entre os dias 21 e 23, a proposta oposicionista conquistou 1.633 votos, contra 1.348 para a chapa continuísta do pelego Valmir Castro (com apoio do PCB capixaba). A oposição venceu em todas as urnas dos cinco municípios da Região Metropolitana de Vitória, que concentra mais de dois terços dos votos. A chapa 1 só ganhou, apertado, no eleitorado interiorano, submetido a forte pressão e menos informado sobre a proposta oposicionista.

A proposta vitoriosa defende a unidade do movimento sindical a partir das lutas comuns aos trabalhadores brasileiros, não aceitando nem o divisionismo dominante na CUT nem o atrelamento de muitos dirigentes da CONCLAT. Agora, a diretoria eleita se empenha na campanha salarial de 1985, assumindo na prática a direção da luta, já que a diretoria vencida vinha se omitindo a respeito desde antes da eleição. (da sucursal)

Escritores já têm sua Associação em Minas Gerais

Os escritores de Minas Gerais deram o primeiro passo para a criação de seu Sindicato, ao formarem dia 24 a Associação Profissional dos Escritores. Uma assembleia com a presença de 70 escritores de várias cidades elegeu também a diretoria provisória da entidade, presidida pelo dramaturgo Cunha de Leiradella.

Já existem três Sindicatos de Escritores no Brasil - em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília - e associações pré-sindicais no Ceará e Goiás. No futuro, os escritores tencionam também organizar-se a nível nacional, criando uma Federação. O processo visa ampliar o nível de intervenção do setor nos rumos da política editorial, da legislação sobre direitos autorais e da atuação do Estado na área, entre outros. (da sucursal)

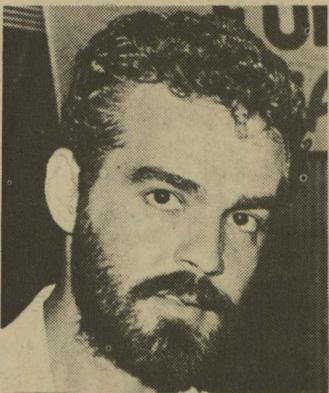
Metrô demite os responsáveis pela morte de usuário

Na noite de 23 de agosto o trabalhador José Antônio Bassoni, 43 anos, foi preso pela segurança interna do Metrô do Carandiru, São Paulo, sob suspeita de assalto. Pouco depois estava morto, com o corpo com marcas de torturas. A notícia indignou a capital paulista e levou à demissão de 11 funcionários do Metrô ligados ao setor de segurança.

O próprio secretário dos Negócios Metropolitanos, Almino Affonso, admite que o Corpo de Segurança do Metrô precisa ser reorganizado para adequar-se "aos princípios de absoluto respeito aos direitos dos cidadãos". Não é a primeira vez que o Corpo de Segurança, organizado em moldes autoritários, agride usuários do Metrô.

17 mil operários parados na Bahia

Cerca de 17 mil petroquímicos, químicos, metalúrgicos e têxteis entraram em greve durante a semana passada na Bahia - hoje convertida em importante centro dinâmico do movimento operário. Os trabalhadores paralisaram o Polo Petroquímico de Camaçari, o maior do hemisfério sul, e também a principal indústria de cobre brasileira, a Caraíba Metais.



Petroquímicos votam unidos; acima Daniel: patrão pensa melhor com greve...

Os 4 mil operários da Caraíba foram os primeiros que decidiram parar, no dia 23, tanto a metalúrgica como o setor de mineração, que fica a 400 quilômetros de Salvador. Além de 100% do INPC eles reivindicam 56% de adicional de turno, reajuste trimestral e 40 horas semanais. Mas a empresa, estatal, insistiu em dar apenas o INPC mais 2% de produtividade, forçando a greve que paralisou a produção de 300 toneladas diárias de cobre, ao custo de 750 mil dólares (21 mil salários mínimos).

Os diretores da empresa tentaram argumentar que a greve debilita a indústria nacional do cobre - a Caraíba vem sendo cobiçada pelas multinacionais e o ex-ministro Delfim Netto tinha o plano de vendê-la. Porém para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, José Costa, os trabalhadores têm demonstrado em várias ocasiões que defendem a

Caraíba Metais e entraram em greve para garantir a sobrevivência de suas famílias. Afinal, é graças a eles que a indústria produz cobre.

Com a persistência do impasse nas negociações, a questão foi remetida para o Tribunal Regional do Trabalho, enquanto o Sindicato indicava uma comissão de trabalhadores para discutir suas reivindicações com o Ministério do Trabalho e o Conselho Interministerial de Salários das Estatais - o CISE. Enquanto isso, a greve continua.

COESÃO PETROQUÍMICA

Os petroquímicos, quase 10 mil, entraram em greve no primeiro minuto de terça-feira, dia 27, depois de diversas manifestações e passeatas pelo polo, que esbarraram na intolerância patronal. Segundo cálculos apresentados pelo presidente do Sindiquímica, Nilson Bahia, só o valor perdido com um dia de greve bastaria para atender às reivindicações.

Os dirigentes do Sindicato lembram que no ano passado diversas empresas tiveram lucros fantásticos e que no primeiro semestre a Copene lucrou Cr\$188 bilhões, a Polipropileno Cr\$59 bilhões e a Oxiteno Cr\$87 bilhões, graças ao trabalho dos operários.

O impasse maior da campanha refere-se ao adicional noturno. A categoria reivindica que ele seja reajustado em 88,5%, enquanto os patrões não querem conceder mais que 76,5%.

A coesão dos petroquímicos é grande. A greve começou com dez fábricas, representando 50% do Pólo, ganhando depois a adesão de outras oito. Na Copene ocorreu um

fato histórico para o movimento dos petroquímicos baianos: pela primeira vez eles paralisaram a central de matéria prima, a maior do hemisfério sul. Por falta de matéria prima, as empresas CPC, Políteno, Estireno, Oxiteno, Polipropileno e Basf do Nordeste tiveram também que parar a produção.

Na primeira negociação com as máquinas paradas, convocada pelo TRT na própria terça-feira, os patrões continuaram insensíveis. Foi marcada nova audiência para sexta-feira, enquanto os operários prosseguem a greve, seu mais convincente argumento. Não houve repressão policial até o fechamento desta edição, embora caminhões da PM estejam ostensivamente estacionados no interior do Pólo Petroquímico.

VITÓRIA DOS TÊXTEIS

Os têxteis baianos suspenderam sua greve na noite de quarta-feira, 28. No dia anterior os 3 mil trabalhadores do setor paralisaram as empresas Cobafi, Fisiba, Banilisa, Celanese e Cata Nordeste. Conquistaram a jornada semanal de 40 horas; 100% do INPC para toda a categoria, mais 6% de reposição a partir de setembro; 100% de adicional nas horas-extras e a ampliação de 60 para 90 dias na dispensa das funcionárias gestantes. Os patrões não aceitaram conceder estabilidade aos empregados ou reconhecer a Comissão de Fábrica. Mas o presidente do Sindicato dos Têxteis, Daniel Gomes, considerou vitorioso o movimento grevista, devido às conquistas obtidas. (da sucursal)

Bancários enfrentam mesquinhas dos patrões

Os 700 mil bancários de todo o país - em campanha salarial a nível nacional - se preparam para dar o troco à arrogância dos banqueiros que se recusam a atender suas principais reivindicações. No Dia Nacional de Luta, 28 de agosto, 20 mil bancários fizeram uma passeata pelas ruas de São Paulo. Dia 31, durante o Encontro Nacional dos Bancários, poderá ser marcada a data da greve.

"O grande mérito dessa campanha salarial é a unidade de todos os sindicatos, federações e a própria

confederação. Unificaram-se desde os sindicatos grandes das capitais até os do interior. A disposição de luta da categoria é muito grande", afirma Ederaldo de Oliveira, diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo. O principal fator de descontentamento da categoria é que o reajuste salarial do semestre, baseado no INPC será de 68,33%, enquanto o custo de vida no mesmo período é estimado pelo Dieese em 74%. Só aí há uma perda no poder aquisitivo de mais de 8%.

Os bancários têm uma pauta com 51 reivindicações, das quais sete são

consideradas essenciais: incorporação nos salários da antecipação concedida em julho; reajuste trimestral; elevação do piso salarial de Cr\$ 633 mil para 1.172 mil; estabilidade no emprego; fim do trabalho gratuito; gratificação semestral e comissão sindical de banco.

Os banqueiros foram um dos maiores beneficiários do regime militar e ainda hoje têm lucros fabulosos enquanto pagam salários miseráveis a seus empregados. Dados do Dieese mostram os lucros de alguns destes bancos. De janeiro a junho de 1985 o Bradesco - que

possui 138 mil funcionários - lucrou Cr\$ 831,4 bilhões, mais de seis vezes o obtido no primeiro semestre de 1984. O Itaú, por sua vez, teve um lucro de 529%, ou seja, Cr\$ 411,5 bilhões em apenas seis meses. De que maneira se dá esse ganho fantástico? Angelo Calmon de Sá, dono do Banco Econômico, em entrevista à revista "Veja" deu a pista: ele confessou que 30% de seu lucro (130,3 bilhões) foram devidos aos cortes nas despesas. Em pouco mais de um ano o seu banco inaugurou 67 agências e abriu uma conta para um milhão de cidadãos. (da sucursal)

As patifarias de um senhor de engenho

Existem em Barbalha, cidade no sul do Ceará, famílias de latifundiários donos de engenhos de açúcar. Arquimedes Sampaio, dono do Sítio São Pedro, é um desses senhores: oprime, persegue, tortura seus trabalhadores, que também recebem diárias de fome.

Na propriedade existem mais de seis capangas, mas os principais são José Mariano e Nego Alfredo. Todos andam armados. Relatamos aqui uma série de fatos que não podem continuar omissos pelo poder do dinheiro.

Francisco de Assis da Silva, 43 anos, cuidava de duas carroças de burro e morava com a esposa numa

casinha na propriedade. Um certo domingo o capataz Nego Alfredo invadiu sua casa e espancou um rapaz. Francisco botou o Nego para fora da casa mas sua esposa desmaiou e abortou uma menina. Ao comunicar o fato ao senhor Arquimedes, Francisco recebeu a resposta: "Não caça confusão com o Nego, que ele é o fiscal". Depois, por causa de uma rapadura, o senhor tomou as carroças em que Francisco trabalhava e o mandou embora, dizendo que saísse calado.

Havia na casa do senhor Arquimedes uma garota que cuidava de sua filha pequena, que um dia sofreu uma leve queimadura. Quando o

Arquimedes chegou bateu bastante na moça e trancou-a num quarto. Pôs uma panela grande com água no fogo, para jogar na moça, que apavorada conseguiu sair pelo telhado e fugiu para a casa de sua mãe, na cidade de Barbalha.

Arquimedes também tentou castrar um garoto de Juazeiro do Norte, por não dar conta de um burro que sumiu. Levou o garoto de Juazeiro até o sítio, batendo nele em todo o percurso de 12 quilômetros. Chegando à fazenda despiu o garoto e, com um cordão e um canivete, ameaçava castrá-lo. Não conseguiu o intento por causa da intervenção de Francisco de Assis. Poucos dias depois, o garoto estava urinando pus, por causa dos puxões que sofreu no penis. Logo que ficou bom, fugiu da fazenda.

Mais de cem homens trabalham na fazenda, em constante rotatividade. Quando chegam, acertam um preço, mas na hora da paga vem a metade. Dia de feriado em que os trabalhadores não comparecem, são descontados dois dias da semana.

Denunciamos isto porque é preciso conter determinados senhores que se acham donos das terras, de tudo, dos trabalhadores brasileiros - mesmo sabendo que corremos riscos de sermos vítimas do banditismo dos senhores latifundiários. (Amigos da TO - Barbalha, Ceará)



Democracia ainda não chegou na Carbureto

Conforme edital publicado, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Carboreto de Cálcio de Santos Dumont (leia-se multinacional belga) comunica que será realizada eleição no dia 28 de outubro de 1985. A atual diretoria confirmou a sua chapa, apesar de rejeitada unanimemente pelos operários. Através de lideranças reconhecidas, os operários começaram a articular uma chapa de oposição. Mas lembrando os tempos do regime militar, a diretoria mais a Carbureto iniciaram uma brutal repressão, que culminou com 12 operários sendo mandados embora.

Após este ato violento, arbitrário, a multinacional proibiu que os operários falassem do assunto. Segundo os operários mais antigos da companhia, os diretores atuais do Sindicato

permanecem quanto tempo a Carbureto quiser, e ainda recebem cargos de confiança dos patrões.

A campanha eleitoral é feita de setor em setor, com os dirigentes atuais e capangas ameaçando os operários.

Um exemplo recente é o da CIPA, onde houve eleições. A chapa única (patronal) que concorria ameaçou os operários de ter o dia cortado e até de perder o emprego, caso não votassem nela. Até os caminhoneiros votaram, com medo da repressão.

Queremos dizer uma coisa: a Nova República, a democracia, foi uma conquista de todos nós; mas só que ela ainda não chegou nos porões da ditadura da CBCC. (Não assinamos a nota com medo de sermos mandados embora)



Greves de Ribeirão são escolas de luta

Em assembléia realizada dia 14 de agosto, os motoristas e cobradores de ônibus de Ribeirão Preto decidiram entrar em greve, como último recurso, por aumento de salários. Com salários de Cr\$350 mil para cobradores e Cr\$720 mil para motoristas, a categoria não tem como enfrentar a alta do custo de vida. A disposição de lutar era grande. Já nas primeiras horas da madrugada, os piquetes nas portas das empresas conseguiram a adesão da maioria dos colegas da primeira "pegada".

A Intersindical de Ribeirão Preto esteve presente, dando importante colaboração principalmente através do Sindicato dos Metalúrgicos.

Além da intransigência dos empresários da Andorinha, Transcorp e Rápido D'Oeste, outra dificuldade foi a Polícia Militar, que montou um grande contingente nas portas das empresas, para manter a "ordem" - isto é, manter a exploração dos trabalhadores e os lucros dos capitalistas.

A greve terminou na manhã do dia 16 e não foi vitoriosa porque faltou organização de luta dos companheiros. Os patrões só pagam agora

Cr\$700 mil para os cobradores e Cr\$1.100 mil para os motoristas. Mas estes salários de fome não estão sendo aceitos e nova greve poderá ser decretada.

Também no dia 14, os vigilantes de Ribeirão Preto decidiram entrar em greve. Com um salário de Cr\$363 mil e jornada das 6 da manhã às 19 ou 20 horas, para os que trabalham nos carros-fortes, a categoria estava com muita disposição de parar. Já no primeiro dia o arrastão ganhou a adesão de quase todos os vigilantes, além do apoio da população.

Mal dirigida, a greve dos vigilantes em nenhum momento procurou negociar. A direção, sem acreditar na disposição de luta da categoria e sem propostas, indicou a volta ao trabalho no domingo, dia 16, quando oito trabalhadores já estavam ameaçados de demissão.

No momento, é urgente a construção da Associação dos Vigilantes de Ribeirão Preto, para que a categoria tenha uma entidade que a represente e esteja à frente de suas lutas. (P.N. - Ribeirão Preto, São Paulo)

Gerente manda escolher: ou o partido ou o emprego

Venho denunciar neste combativo jornal as perseguições que eu e outro companheiro estamos sofrendo por defendermos os interesses da classe operária e do povo pobre e oprimido da nossa cidade.

Fui demitido por participar da eleição sindical da minha categoria - comerciários - quando perdemos porque o pelego utilizou todos os tipos de casuismos, corrupção e truculência.

Como se não bastasse, no último dia 15 o companheiro Roberto Fulco, indicado pelo PC do B como coordenador da Comissão Provisória do Muni-

cípio de Jequié, foi demitido também do seu emprego no Banco Itaú. O gerente deixou claro sua falta de respeito à liberdade de pensamento, mandando que Roberto optasse entre o partido e o trabalho.

Os setores populares do PMDB, na pessoa do vereador José Leal, denunciaram o fato na Câmara Municipal. Lutaremos para que a Constituinte, eleita pelo povo, possa cobrir o abuso patronal e que instrumentos capazes de assegurar aos trabalhadores da cidade e do campo o direito de cidadania. (J.M. - Jequié, Bahia)



Os companheiros de Barbalha, no Ceará, mostram na sua carta o retrato de corpo inteiro, nu e cru, do latifúndio brasileiro. As patifarias revoltantes do senhor de engenho Arquimedes Sampaio ajudam os trabalhadores do campo a entender melhor o porquê da luta por uma reforma agrária antilatifundiária. Não pode haver justiça nem progresso no campo enquanto feras humanas, por serem donas da terra, se julgarem no direito de cometer crimes de toda ordem.

Desmascarar o latifúndio, mostrar preto no branco a sua face horrenda, é também uma maneira de batalhar pela reforma agrária. Cada relato vivo, dando nome aos bois, quando chega aos operários e camponeses é mais combustível para alimentar a luta. Por isto Fala o Povo continua aberto, hoje e sempre, para as denúncias contra o latifúndio. (Olívia Rangel)

Passeata de mil secundaristas pelo direito ao Grêmio

Os estudantes do Colégio Radial, unidade G, paralisaram as aulas e saíram numa grande passeata, cerca de mil alunos, pelo centro de Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo.

As principais reivindicações dos alunos: a reintegração de dois professores e uma diretora que foram demitidos por terem postura progressista e compromisso com a luta dos estudantes. Outra reivindicação é o Grêmio Livre e a Associação dos Ex-Alunos.

No final da passeata, organizada pela UMES e a Comissão do colégio, foi conquistado o diálogo com o dono do colégio para ver a possibilidade do retorno de um dos professores, do Grêmio Livre e da Associação. (Comissão Pró-Organizadora - São Paulo)

Dia do Estudante em Santa Inês tem teatro e política

Cerca de mil jovens participaram das comemorações do Dia do Estudante em Santa Inês, Maranhão, com música, poesia, teatro e pronunciamentos dos líderes da juventude da cidade. O evento foi promovido pela UJS, grêmios estudantis e pela Comissão Pró-USES (União Santinense dos Estudantes Secundaristas).

José Malheiros e Lorival Gonçalves, da UJS, ressaltaram que a juventude tem na União da Juventude Socialista uma entidade combativa, que luta pela Constituinte livre e soberana, pelo ensino público e gratuito e estará nas ruas promovendo a cultura, o esporte e o lazer.

João Alberto, presidente do Grêmio Edson Luís e membro da Comissão Pró-USES, conclamou os estudantes a construírem sua entidade estudantil municipal. E Deutez Soares, do Grupo Teatral Renovação, falou da necessidade dos jovens retomarem o seu espaço cultural. Depois, foi encenada a peça "O Estudante" e houve o "Forró Estudantil", na rua principal da cidade, até as 23 horas. (J.M. - São Luís, Maranhão)

Jovens cearenses se organizam para lutar por direitos

Somos um grupo político de 30 jovens de Fortaleza, a ALJE (Associação da Liberdade Jovem Estudantil), que juntos reivindicamos os direitos dos estudantes e dos assalariados. No nosso bairro contamos já com a colaboração de quase todos os Centros Cívicos de 15 colégios, da pastoral e do clero da igreja. Marcamos nossa fundação para o dia 15 de novembro. Até lá podemos contar com mais de 120 jovens entre 15 e 21 anos.

Confiamos na vitória do PMDB em novembro por estar unido a ele no nosso mais admirado partido, o PC do B. Queríamos que anunciassem a ALJE e falassem de nossos planos, pois não somos pessoas que querem aparecer mas queremos fazer alguma coisa a favor dos pobres, dos estudantes e assalariados como nós, e combatendo os interesses dos latifundiários. (J.M. - Fortaleza, Ceará)

Bando janista espanca até crianças no Bixiga

Terminou em tumulto e pancadaria a manifestação realizada na Praça D. Orione, no Bixiga, capital paulista, para satirizar os 24 anos da renúncia do ex-presidente e prefeiturável Jânio Quadros.

No início da manifestação, cerca de 30 integrantes da "Juventude Janista", num caminhão, interromperam o ato: quebraram tudo e bateram em todos que se encontravam no caminho.

A sátira, realizada dia 25,

foi organizada pelo Bloco dos Estarrapados, que há 47 anos anima o Carnaval no nosso bairro. O líder do Bloco, o Armandinho, disse que o objetivo do ato era o de "alertar a população contra o candidato Jânio Quadros, que renunciou sem dar explicação até hoje e, agora, tem a cara-de-pau de querer ser prefeito".

No momento em que se fazia uma imitação do ex-presidente, os janistas subi-

ram no coreto, gritando, e iniciaram a pancadaria, rasgando faixas, destruindo o bolo da festa, agredindo adultos e crianças. Três destas foram hospitalizadas.

Aproveitamos o espaço para colocar que a juventude e todo o povo paulistano não aceitarão na Prefeitura a volta do regime autoritário, com o sr. Jânio Quadros e seus fascistoídes. (Alunos da Escola Maria José - São Paulo, SP)

Traficantes do ensino demitem professor e suspendem aulas

No último dia 19, o professor Egmar José de Oliveira, delegado sindical em Anápolis, foi demitido sumariamente dos dois colégios onde lecionava - São Francisco e Auxilium. Sua demissão provocou revolta geral nos colégios, por parte de alunos e professores. No Auxilium o grau de mobilização dos alunos pela readmissão foi tão grande que a direção da escola, como forma de barrar a luta, suspendeu as aulas por uma semana. Na Câmara Municipal e Assembléia Legislativa do Estado foram apresentados requerimentos

repudiando a demissão do professor.

A medida teve como causa principal a combatividade de Egmar em defesa dos interesses dos mestres, que recentemente travaram uma luta nos dois colégios por melhores salários e condições de trabalho. A luta foi vitoriosa e os professores obtiveram um reajuste de 82%, índice bem superior ao estabelecido por lei, fixado com base no índice de reajuste das mensalidades dos alunos. Conquistaram ainda uma reposição salarial de 20% de março a agosto.

Depois de tanta revolta nas salas de aula, as direções dos dois colégios saíram de sala em sala e reuniram os pais, alegando que a demissão do professor Egmar está relacionada com um problema ideológico - ele é presidente do PC do B no município. Mas vários alunos e pais questionaram a direção, dizendo que depois de Egmar passar mais de três anos dando aulas nos colégios, sem nunca ter mudado o seu comportamento, é estranho que só agora tenha vindo a demissão. (Colaboradores da TO em Anápolis, Goiás)

Precisamos libertar nosso Sindicato

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de Goiás está vivendo momentos tortuosos, devido à atuação de seu presidente, Ladislau Machado.

Sabemos que o Sindicato é um órgão de defesa dos direitos dos trabalhadores. Isso, no entanto, não ocorre. O presidente Ladislau, quando de sua eleição, prometeu muitas mudanças no Sindicato, principalmente visando atender melhor aos associados. Parecia um daqueles políticos demagogos que, quando ganha prestígio e cargo se deixa corromper por dinheiro. Ele prometeu lutar para que as horas-extras fossem pagas aos operários, coisa que não

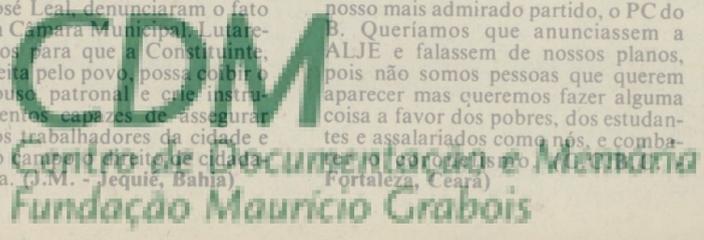
vem ocorrendo. Tem gente que tem até 200 horas-extras acumuladas sem receber.

Os funcionários quando vão fazer a recisão de seu contrato de trabalho não o fazem no Sindicato, porque ele só faz acordo lesando os direitos dos operários. O Sindicato sempre se omite.

Muitas vezes acontece de os operários estarem tomando banho, após o final do expediente, quando são chamados para continuar no serviço, substituindo outras pessoas. Quanto ao cumprimento de questões mínimas, como a concessão de leite para os soldados, o que é estabelecido por lei, isso não vem se verificando. Na parte mecânica industrial a jor-

nada de trabalho é sobre-humana. No almoxarifado, quando falta alguém os funcionários que ficam são obrigados a cumprir o serviço dos que faltaram.

É uma promessa antiga do Sindicato a conquista da equiparação salarial (igualar os salários dos empregados de acordo com cada seção). A verdade é que isso de igualar os salários, de lutar ao lado dos operários e funcionários, não será concretizado enquanto o Sindicato estiver atrelado, subordinado, comprado pelo Grupo de Cimento Portland Paraíso-Unidade de Goiás. Enquanto não libertarmos o nosso Sindicato continuaremos na mesma. (W.G.A. - Goiânia, Goiás)



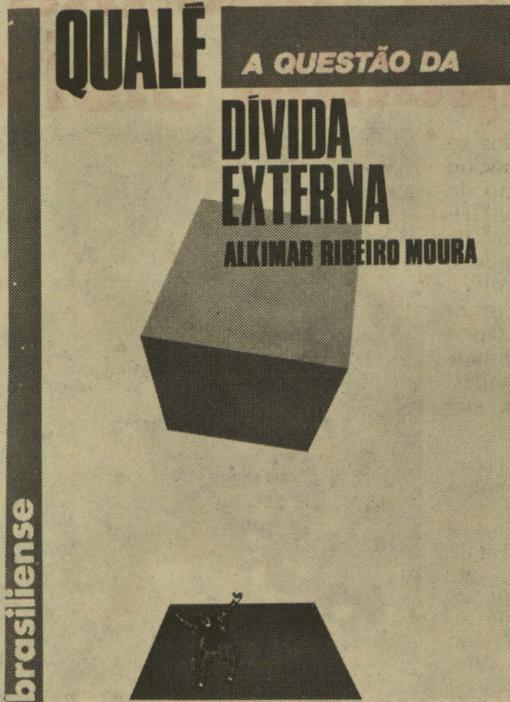
Dívida externa: o que fazer para enfrentar o monstro?

A editora "Brasiliense" acaba de lançar o livro "a questão da dívida externa", da coleção "Qualé" e de autoria do economista Alkamir Ribeiro Moura. O autor, depois de considerar o problema da dívida como a principal causa da grave crise econômica do país, procura estabelecer as conseqüências do endividamento e o esforço brutal que o pagamento dos juros aos banqueiros vem exigindo, expresso nas pesadas transferências de riquezas - de grande significado político já que são efetuadas "de um país pobre para credores privados no primeiro mundo. Este é certamente um dos aspectos mais iníquos da atual ordem econômica, que joga todo o peso dos ajustes externos nos ombros dos países devedores, certamente os que têm menos condições de suportar um encargo de tamanha magnitude".

O livro aponta também a perda de autonomia na condução da política econômica, a diminuição da poupança interna (de 23,6% em 1977 para 14,4% em 1983), além da exposição das estatais (cujos saldos médios de endividamento alcançam de 72% a 76% do patrimônio líquido, alcançando em alguns casos índices de

130% a 137%). Ao expor as saídas possíveis, o autor indica também a ruptura e mesmo o repúdio da dívida já que "em princípio, qualquer país é soberano para denunciar acordos e/ou contratos internacionais que considere lesivos aos interesses nacionais. Os empréstimos externos enquadram-se nesta categoria, daí sua denominação de empréstimos com risco político ou soberano".

No entanto, em contradição com a própria situação que descreve, o economista considera mais provável o que chama "cenário de renegociação" - uma série de meias medidas que visam reformar o sistema financeiro mundial e repartir o ônus do endividamento entre credores e devedores que, mesmo constituindo propostas conflitantes com os atuais interesses do imperialismo, não representam a solução requerida para o problema, que deve começar a ser abordado com a suspensão do pagamento da dívida.



brasiliense

Brasil mergulha na civilidade sem chovinismo ou ufanismo

A primeira Semana da Pátria da Nova República traz novidades sobre o civismo: defender o Brasil, as cores de sua bandeira, já não é identificado com defender a ditadura militar e o ufanismo do "Brasil Grande" que os golpistas de 1964 tentaram impor à nação por 21 longos anos.

Sintomático disso é a entrada do Hino Nacional no cotidiano dos brasileiros. Após as jornadas de milhares pela diretas e pela candidatura única das oposições, o Hino voltou a ter atrativos para nosso povo. Já não é a canção exclusiva das marchas militares. Reuniões sindicais, estudantis, manifestações populares são encerradas ao se entoar o Hino.

Ainda no século passado o pianista americano Louis Moreau Gottschalk compôs uma "Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro", que chegou a ser proibida pelo Ministério da Educação. Recentemente essa "Grande Fantasia" foi incluída por Nelson Pereira dos Santos na trilha sonora de seu filme "Memórias do Cárcere", e o



Os símbolos da pátria voltam a ser assumidos pelo povo, após o fim da ditadura militar

disco que a registra está nas lojas. Também nas lojas se encontra a dramática interpretação de Fafá de Belém da música de Francisco Manuel da Silva e Osório Duque Estrada, apresentada pela TV no dia da morte de Tancredo. O pia-

nista Arthur Moreira Lima inclui o Hino nos seus concertos, arrancando aplausos entusiásticos.

Houve o episódio do jogo entre Brasil e Paraguai, no Maracanã, que a CBF ousou iniciar sem a execução do Hino Nacional. A galera, revoltada, tomou a iniciativa ela mesma de cantar o Hino, no que foi apoiada pela Seleção Canarinho, e só então teve início a partida. Isso quando, meses atrás, o mesmo Hino foi vaiaado no estádio, em protesto contra a imposição do processo sucessório no Colégio Eleitoral pelo governo antipopular do general João Figueiredo.

Mas não se trata apenas do Hino. Neste Sete de Setembro, no Bexiga, bairro de São Paulo, pela primeira vez entidades civis somam-se com instituições escolares

para comemorar o Dia da Pátria. Será a Caminhada pela Independência Nacional, promovida pelas Escolas Estaduais Maria José e Maria Augusta Saraiva, Escola Municipal Celso Leite, Clube de Mães do bairro, Associação do Bexiga, Jornal da Bela Vista, **Tribuna Operária**, União da Juventude Socialista, Museu do Bexiga, PMDB e PC do B. Execução de músicas pela banda, dança, jogral e poesia são algumas das atividades programadas.

São sintomas de que as datas cívicas estão deixando de ser identificadas com a tutela dos militares sobre a nação. Como disse o poeta Afonso Romano de Sant'Anna, "durante a ditadura eu tive vergonha de cantar o Hino Nacional. Agora sinto uma sensação de normalidade."



Nas reuniões dos trabalhadores, presença do civismo sadio

Foto: Salomon Czynnowicz

LIVROS, REVISTAS, POSTERS, PLANTAS, DISCOS, CAMISETAS, REPRODUÇÕES

ARE PAU BRASIL

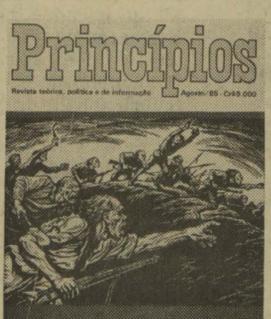
ESPAGNO ALTERNATIVO

RUA VERGUEIRO, 923 - PARAÍSO - SP
(FRENTE AO CENTRO CULTURAL SP)
Telefone: 36-7531 (DDD 011)
FONE: 279-0147 - CEP 01504
SEG. A SAB. 10 AS 23 HS.
DOM. 16 AS 23 HS.

Princípios fala da luta antifascista

A Editora Anita Garibaldi está colocando em circulação o número 11 da revista **Princípios**, publicação teórica, política e de informação.

Neste número três artigos são destacados: "Acontecimento histórico o 7º Congresso da Internacional Comunista", de João Amazonas - principal dirigente do PC do B - destaca o informe apresentado na ocasião por Jorge Dimitrov, secretário-geral da I.C., "que abriu perspectivas novas e brilhantes aos trabalhadores e aos povos de todos os Continentes", indicando "o rumo correto para o combate ao fascismo, o mais bárbaro e cruel regime engendrado pelo capital financeiro".



Divida Externa

Amazonas defende a tática correta e justa do 7º Congresso da I.C. contra os ataques posteriormente perpetrados tanto pelos revisio-

nistas, que acusam o informe como sectário e dogmático, como pelos doutrinadores de "esquerda", que o acusam de direitista e apontam o 7º Congresso como berço do revisionismo. O dirigente do PC do B termina por conclamar "à defesa dos postulados marxistas-leninistas, intensificar o conhecimento teórico em íntima ligação com o combate ao revisionismo de direita e de 'esquerda', e com o desmascaramento dos falsificadores burgueses da realidade. A luta teórica assume importância primordial, sempre ligada ao campo da ação prática que fornece a experiência viva à elaboração do caminho seguro da vitória".

Princípios traz ainda artigos sobre Friedrich Engels, sobre a juventude e suas lutas, a mulher no campo, os conceitos educacionais, a



Dimitrov, dirigente da I.C.

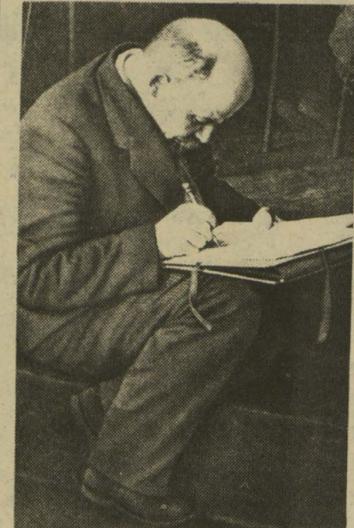
organização proletária, o negro brasileiro e a lírica socialista. A revista pode ser adquirida junto à Editora Anita Garibaldi, av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511 - CEP 01317, São Paulo, com o envio de cheque nominal no valor de Cr\$ 9 mil. A assinatura, com direito a quatro números, custa Cr\$ 35 mil,

Curso sobre socialismo científico

Fundamentos Teóricos do Socialismo Científico.

Curso em 21 aulas, com material didático e apostila. Apenas 40 vagas. Inscrição até o dia 9 de setembro. Taxa de inscrição: Cr\$ 180 mil (parcelada em três pagamentos de Cr\$ 60 mil).

Maiores informações: Centro de Estudos e Pesquisas Sociais (CEPS) rua França Pinto, 330, Vila Mariana, fone 575.2416, São Paulo - SP



Tribuna Operária

- Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318
Telefone: 36-7531 (DDD 011)
Telex: 01132133 TI OBR
- Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
- Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel
- ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luis Bolivar, 231, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 7032 - Centro - CEP 57000
- AMAZONAS-MANAUS: Rua Simon Bolivar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000
- BAHIA - Camacari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800
- Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro CEP 44100
- Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600
- Itapetininga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - Juazeiro: Rua Americo Alves, 6-A - CEP 44060
- Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500. Salvador: Rua Independência, 27 - Centro - CEP 40000
- Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimel) - CEP 43700
- DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302
- CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960
- Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 61700
- ESPIRITO SANTO - Cachoeira do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300
- Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000
- GOIÁS - Goiânia: Rua 3, N.º 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100
- MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000
- MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000
- MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100
- MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000
- PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000
- PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Calçada - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neira, 518, 1º andar - CEP 58100
- PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428, Fone: 234-7484 CEP 80000
- Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100
- PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000
- PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigarino Batista, 236, CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 8, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua do Sossego 419, Boa Vista - CEP 50000
- RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - Cidade Alta - R.N. CEP 59000
- RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000
- Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 7048 - CEP 95100. Pelotas: Rua Andraia Neves 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto de 9h às 12h. Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100. Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200
- RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua do Rosário, 135, sala 302 - Centro - CEP 20080. Niterói: Av. Amador Pessoa, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 53, sala 319 - CEP 26000
- SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000
- SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravia, 448, fone: 246345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200
- SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovídio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000
- A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-up e Fotolito, Litarte Fotolitos Ltda. Fone: 279-3646. Impressão: Cia. Jercos, fone: 315-4999 - São Paulo - SP.



Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore com a Campanha Nova República da T.O.



Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

- Anual (52 edições) Cr\$ 120.000
- Anual popular (52 edições) Cr\$ 60.000
- Semestral (26 edições) Cr\$ 60.000
- Semestral popular (26 edições) Cr\$ 30.000
- Trimestral (13 edições) Cr\$ 15.000
- Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade: CEP:

Estado:

Profissão:

Data:

Endereço e carta com seu pedido de assinatura para o Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

53, Bela Vista, São Paulo - CEP 01314

Jânio apela para horda fascista na campanha eleitoral

"Estamos autorizados ao uso da violência", anunciou no dia 26 o candidato do PTB-PFL, de Maluf e Delfim Netto à Prefeitura de São Paulo, Jânio Quadros. O ex-presidente resolveu apelar para métodos nazifascistas e está utilizando suas hordas na Juventude Janista para atacar manifestações contrárias à sua candidatura.

No dia 24 o Bloco dos Esfarrapados, um tradicional grupo carnavalesco do Bexiga, programou uma sátira sobre a renúncia de Jânio Quadros da Presidência da República, que completava naquele dia 24 anos. A sátira estava sendo realizada na Praça Dom Orione, com concurso de discursos, uma dupla de repentistas e uma representação teatral. Foi quando chegou um bando janista, liderado pelo deputado federal Gastone Righi.

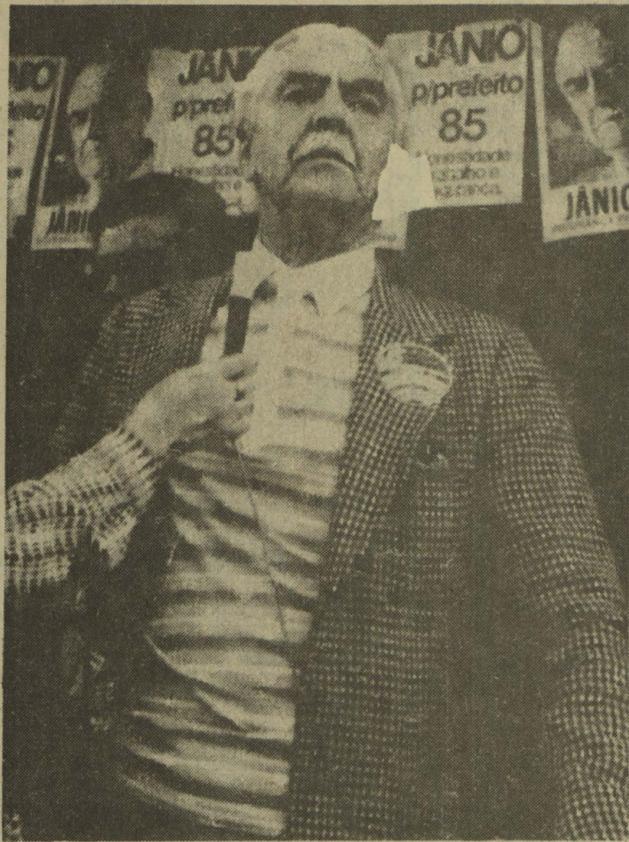
"Desde quinta-feira eu vinha recebendo ameaças dos janistas", conta Armando Puglisi, do Bloco dos Esfarrapados. "Mas mesmo assim mantivemos a programação. No dia 24, às 12h30m, chegou um trio elétrico da turma do Jânio. Amassou dois carros ao estacionar, com a aparelhagem ligada no último volume. Depois um monte de pessoas desceu de uma Kombi. Os janistas se espalharam pela praça e começaram a fazer provocações. Eu tremia feito vara verde, mas resolvemos continuar nossa sátira. Estavam sendo feitos discursos contra o Jânio. Foi quando o Gastone Righi, Carlos Maia e o Orlando Dorsa invadiram o coreto da Dom Orione. Ai começou o quebra-quebra".

Aos domingos, na Praça Dom Orione, é realizada uma feira de objetos usados. O bando de Jânio roubou vários desses objetos e chegou a ferir duas crianças que brincavam na praça, conforme denúncia feita no 5º Distrito Policial.

EXTREMA DIREITA

No dia seguinte, pela imprensa, o candidato de Maluf defendeu seus asseclas, com argumentos típicos do ideário de Hitler e Mussolini: "Os comunistas promoveram a reunião que foi dissolvida, sim. Eu insisto: doravante os recursos de resistência só aumentarão. Se fosse na Vila Maria, na Penha, em bairro popular como a Lapa ou Tucuruvi, eu não faria o seguro dos baderneiros (no caso, os baderneiros não são os comparsas de Jânio, mas os que promovem manifestações democráticas)", e ameaçou que a violência será "de agora em diante cada vez maior".

No mesmo dia, o ex-ministro do Planejamento, o



Jânio Quadros promete que a violência será "de agora em diante cada vez maior", num estilo inspirado em Mussolini e Hitler

odiado Delfim Netto, declarou numa rádio paulistana: "Eu realmente acredito que o melhor candidato que nós temos é o ilustre ex-presidente Jânio Quadros". Uma demonstração inequívoca de que os inimigos do povo estão unidos em torno da candidatura do chamado "presidente fujão".

A Juventude Janista, identificada como o grupo facistóide que ataca o povo do Bexiga, foi classificada por Jânio como "o que há de melhor na nossa democracia". A organização tem no seu comando conhecidos terroristas de direita, como Fábio Fleming, integrante do Comando de Caça aos Comu-

nistas (o grupo chefiado por militares que andou estourando bancas de revistas há alguns anos) e João Ribeiro Jr., que foi presidente do Partido Acadêmico Realizador, organização de extrema-direita que atua contra o movimento estudantil, na Universidade Mackenzie.

Dias antes do ataque à manifestação do Bloco dos Esfarrapados, os janistas atacaram jornalistas que faziam a cobertura do ato de adesão pública do deputado Armando Pinheiro - político direitista de São Paulo, que foi da equipe de Maluf na campanha presidencial. Os cabos eleitorais de Jânio, aos gritos de "a imprensa está comprada", "jornalista é safado" e alguns palavrões expulsaram repórteres que tentavam entrevistar seu ídolo - o ex-presidente - no comitê de Pinheiro.

TERRORISMO MALUFISTA

O candidato a prefeito pelo PMDB, Fernando Henrique Cardoso, logo identificou que esse tipo de ação dos janistas "é uma repetição da mesma técnica usada por Maluf na Freguesia do Ó e que também vai fracassar". Jânio não se fez de rogado e admitiu que "o senhor Maluf era governo. Eu sou oposição. Essa é a diferença". É claro, atualmente Maluf também é oposição - como sempre o foi - à democracia e à liberdade, por isso quer levar Jânio à prefeitura da capital paulista. Também o candidato do PDT, Adhemar de Barros Filho, denunciou que os janistas "retratam os melhores métodos de uma brigada paramilitar a nível partidário".

Os democratas querem que o governo paulista coíba as ações terroristas de Jânio e seu resesquado ex-presidente foi obrigado a fazer ameaças de punição em suas manifestações populares anti-janistas.



César, ladeado pelos dois filhos, e Maria Amélia, vítimas de Ustra. Foto em dia de visita na prisão

Generais dizem que torturador merece confiança

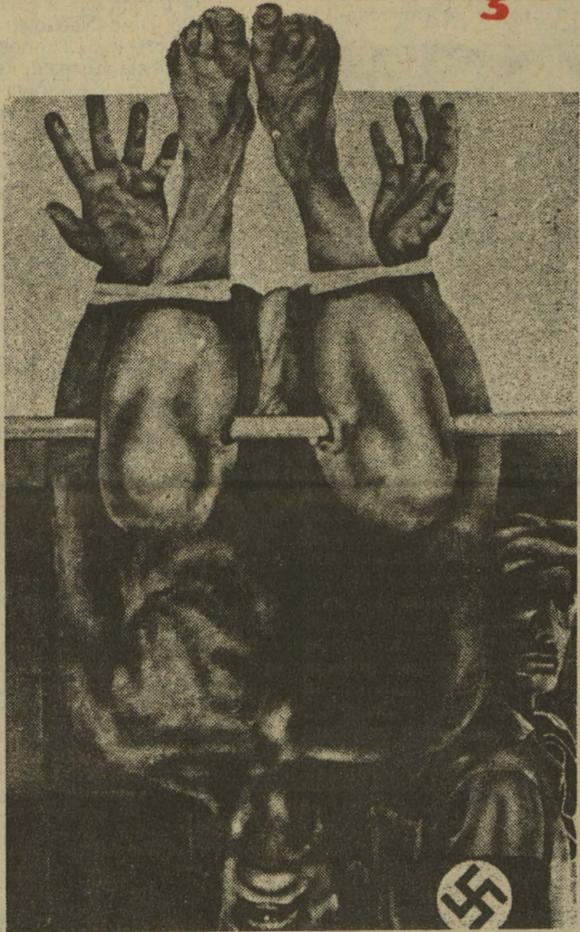
"Fui pessoalmente torturada pelo Coronel Ustra, juntamente com minha família: César Augusto Teles, meu marido, Janaína e Édson Luís, meus filhos, com 5 e 3 anos de idade na ocasião, e minha irmã Criméia Alice de Almeida, na época grávida de sete meses. Assisti ainda o assassinato de Carlos Nicolau Danielli, sob torturas, comandadas por este Coronel, que na ocasião usava o codinome de Dr. Silva". É este torturador que o general Leônidas trata como oficial "de confiança"!

Maria Amélia de Almeida Teles fala sobre o episódio com voz pausada, mas firme: "Na época, 1972, Brilhante Ustra era ainda major. Logo no pátio da OBAN ele me espancou e me jogou no chão. Meus dois filhos foram também levados para a OBAN e lá ficaram um dia e meio. Em determinado momento eu, muito machucada, com o corpo todo roxo, e César, que estivera em estado de coma, fomos retirados da sala de torturas e levados para ser mostrados às crianças."

AMEAÇA À LIBERDADE

Cenas como estas se repetiram inúmeras vezes em todo o Brasil. E em muitos destes casos escabrosos aparece o nome do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Mas os generais ficaram indignados quando a deputada Bete Mendes reconheceu esta figura sinistra em Montevideu, onde o torturador exerce o cargo de Adido Militar, e protestou em carta dirigida ao presidente José Sarney. A partir daí, uma seqüência de acontecimentos aqueceu a temperatura política no país e revelou como o militarismo está presente e ameaça a liberdade no país. Revelou como a alta oficialidade desconhece a autoridade dos poderes constituídos e continua considerando-se todo-poderosa, afrontando inclusive a posição do presidente da República, legalmente investido como Comandante em Chefe das Forças Armadas.

Ao tomar conhecimento da carta de Bete Mendes, o presidente Sarney lhe comunicou que o torturador seria removido do posto. Imediatamente, contrapondo-se diretamente à autoridade do presidente, a quem deve obediência hierárquica, o ministro do Exército, general Leônidas Gonçalves, lançou uma nota desafiadora e arrogante, solidarizando-se com o coronel. Diz o documento que Ustra "goza de nossa confiança e permanecerá no cargo (como adido) até completar o período regulamentar". E ainda elogia o trabalho deste tipo, dizendo que "os que atuaram patrioticamente contra os



subversivos merecem o respeito de nossa instituição pelo êxito alcançado". A atuação patriótica no caso foi a de torturar e assassinar os que se opunham à ditadura e escancarar as portas do país ao capital estrangeiro e ao FMI. Inclusive Janaína e Édson Luís, com 5 e 3 anos de idade, estavam entre os perigosos subversivos que homens "valentes" como Ustra enfrentaram "com o risco da própria vida".

A publicação deste texto, causou o descontentamento de todos os democratas. No outro dia o Exército divulgou uma nota, com o intuito de aliviar as coisas. Cnicamente o comunicado diz que o primeiro documento era para o "público interno" e que o vazamento para a imprensa poderá acarretar uma investigação - certamente vão concluir que foram "subversivos" que surrupiaram o papel da gaveta de algum general!

Esta segunda nota reconhece que "houve excessos" mas afirma que estes foram "sepultados pela anistia". Na primeira dizia que era "atuação patriótica", referindo-se ao coronel Ustra, torturador sem nenhuma sombra de dúvida. Fica evidente assim que de uma forma ou de outra o Exército não admite que se mexa com esta gente, tida como de confiança, e continuará agindo "como um todo solidário", até na proteção de crimes inofensíveis contra a humanidade, inclusive acobertando, em postos de destaque, elementos desclassificados e perigosos.

O ministro da Justiça, Fernando Lyra, embora adotando

um tom conciliador, assinalou que "quem torturou leva a mácula ética indelével, por ter violentado princípio fundamental da pessoa humana". É possível, por ora, que de fuzil em punho os torturadores sejam mantidos sob proteção. Mas não têm como apresentá-los de público em nenhuma função pois são repudiados pela unanimidade do povo.

FREIO ÀS DENÚNCIAS

Não contentes com o alvo-riço criado, os generais fazem ameaças e tentam se apresentar como senhores acima do governo. Para atemorizar qualquer nova denúncia contra os crimes da ditadura, o ministro do Exército ainda declarou raioso: "Não sei até quando consigo segurar meus oficiais". Se a tropa, como dizem as autoridades, é obediente à democracia e à Constituição, não se pode admitir que um general confesse a sua impotência em conter a indisciplina. A não ser quando o próprio comandante, por sua própria atividade inconstitucional, estimule o ímpeto de seus subordinados e alimente o espírito de casta do Exército.

A tal ponto os militaristas se assanharam que fizeram circular o boato de que o ex-senador Paulo Brossard, indicado pelo presidente Sarney para ocupar a Consultoria Geral da República não assumiria o cargo. O crime de Brossard foi um artigo, publicado em um jornal gaúcho, defendendo o afastamento dos torturadores das Forças Armadas. Talvez queiram até cassar a declaração dos Direitos Humanos da ONU, que condena a tortura.



A Juventude Nazista seria o modelo para a Juventude Janista?